

**UFG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS DE CATALAO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO**

**VANDERLÉIA DARTORA**

**O LUGAR E O SEU SIGNIFICADO:**  
as representações de meio ambiente dos moradores de  
Rancharia, Campo Alegre de Goiás

**CATALÃO (GO)  
2010**

**VANDERLÉIA DARTORA**

**O LUGAR E O SEU SIGNIFICADO:**  
as representações de meio ambiente dos moradores de  
Rancharia, Campo Alegre de Goiás

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território.

Linha de pesquisa: Estudos Ambientais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra de Fátima Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Manoel Rodrigues Chaves

**CATALÃO (GO)**  
**2010**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS CAMPUS CATALÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Stricto sensu EM GEOGRAFIA**  
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Bloco A, Sala 06. Setor Universitário - Catalão (GO)  
CEP - 75704 020 – Fone/fax: (64) 3441-5331. E-mail: mestradogeografia@gmail.com



**VANDERLÉIA DARTORA**

**O LUGAR E O SEU SIGNIFICADO:**  
as representações de meio ambiente dos moradores de  
Rancharia, Campo Alegre de Goiás

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sandra de Fátima Oliveira  
(Orientadora/IESA/UFG)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosa Maria Viana  
(UNIVERSO/Goiânia)

---

Prof. Dr. João Donizete Lima  
(CAC/UFG)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(GPT/BSCAC/UFG)

D226l	<p>Dartora, Vanderléia</p> <p>O lugar e o seu significado [manuscrito] : as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia, Campo Alegre de Goiás / Vanderléia Dartora. – 2010.</p> <p>118 f.: il.</p> <p>Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Sandra de Fátima Oliveira. Co-orientador. Prof<sup>º</sup> Dr. Manoel Rodrigues Chaves.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão – Departamento de Geografia, 2010.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Inclui lista de figuras, fotografias, quadros. Apêndices.</p> <p>1. Representações. 2. Meio ambiente. 3. Lugar. 4. Educação ambiental. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 911.3 : 502</p>
-------	--

## AGRADECIMENTOS

Nessa caminhada, vários foram os momentos de aprendizado e incertezas, dúvidas e convicções, desespero e confiança, alegrias e tristezas, decepções e fé. Em todos eles, pessoas estiveram presentes com uma palavra, uma reflexão sobre a pesquisa, uma indicação bibliográfica, um aperto de mão, um abraço apertado, um incentivo. Dessa forma, este trabalho é resultado não apenas das minhas inquietações, mas da amizade, do carinho, da compreensão, do estímulo, da paciência, do apoio e do amor de cada pessoa que caminhou comigo, por vezes ao meu lado, noutros, a minha frente para me guiar, ou atrás de mim para dar um empurrãozinho... A esses anjos materializados em pessoas, obrigada.

Em especial agradeço,

Aos meus pais, Veronilce e Francisco, pelo apoio constante, segurança, amor... Por me ensinarem a valorizar e amar as pequenas coisas, acreditando sempre nas pessoas e nos meus sonhos.

Ao Magner, muito mais que namorado, amigo, amante... meu porto seguro. Pelo apoio, compreensão e ajuda. Te amo muito.

À minha irmã Andréia, pelo seu apoio e amor incondicional, minha eterna amiga. Meu Anjo.

Ao meu cunhado Joselmar e sobrinhos Igor e Bernardo, que sempre acreditaram em mim e me encorajaram na busca de meus sonhos.

Ao Luiz Fernando Achá Mercado, por orientar e incentivar meu crescimento profissional e não permitir que eu desistisse de alcançar mais essa conquista.

Às amigas Mônica Aguiar e Mônica Segreto, pelos cafés temáticos, pelas discussões e contribuições à pesquisa, pelos abraços e incentivo nos momentos de desânimo, pelos sorrisos nos momentos de alegria.

À Larissa Pacheco e Cleci Biedacha, pela amizade, incentivo e carinho.

Aos professores doutores Idelvone Mendes Ferreira e Estevane de Paula Pontes, por me incorporar ao grupo de pesquisa, abrir espaços para o envolvimento e desenvolvimento de atividades acadêmicas, por acreditar na minha capacidade e me apoiar na caminhada.

Ao professor doutor Manoel Rodrigues Chaves, pela co-orientação, pelo estágio de docência, pelas conversas, orientações, apoio e incentivo sempre presente.

À professora doutora Sandra de Fátima Oliveira, pela orientação, por me permitir

abrir os olhos e o coração para a complexidade ambiental e a educação para a paz.

À professora doutora Rosa Maria Viana pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos moradores de Rancharia, sem os quais essa pesquisa não teria êxito, por abrirem suas casas e suas vidas, pela dedicada participação, pelos diálogos, sorrisos, cafés, abraços, aperto de mãos, por me acolher e deixar com que fizesse parte de suas vidas, suas vivências cotidianas, seus sonhos.

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo compreender as representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, com o intuito de obter informações e orientações que possam contribuir com programas e ações de educação ambiental na comunidade e, possivelmente, a nível regional e nacional. A sociedade moderna está causando rápidas transformações no ambiente, algumas delas geradoras de impactos e conflitos, principalmente em comunidades locais, interferindo nas relações econômicas, sociais e culturais estabelecidas cotidianamente. Além disso, determinados projetos mitigatórios e de educação ambiental parecem considerar mais a expectativa e o interesse das entidades que os propõem do que das populações envolvidos. Nesse sentido, como os moradores de Rancharia se relacionam e representam o ambiente? Quais os significados que atribuem a ele? Como são vivenciadas cotidianamente as relações sociais e as práticas ambientais? Como as representações, práticas e vivências cotidianas podem contribuir com a educação ambiental? A investigação foi guiada pela metodologia da pesquisa qualitativa, por permitir o estudo de valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e aspectos subjetivos, como compreensão da realidade, relevância e significados que os fenômenos têm para os sujeitos sociais. A pesquisa contou com a ajuda dos colaboradores entrevistados, principalmente aqueles que residem há mais tempo no local, por entender que estes sujeitos vivenciaram as mudanças ocorridas no ambiente ao longo do tempo e, por isso, suas lembranças carregam experiências, significados e transformações pessoais e de seu grupo social. Os resultados apontam algumas sugestões para a educação ambiental na área pesquisada.

**Palavras-chave:** Representações. Meio Ambiente. Lugar. Educação Ambiental.

## ABSTRACT

The research aimed to understand the representations of the environment expressed by residents of Rancharia in your living daily life in their social relations and environmental practices, in order to obtain information and guidelines that may assist with programs and environmental education in the community and possibly regional and national levels. Modern society is causing rapid changes in the environment, generating some of the impacts and conflicts, especially in local communities, interfering in economic, social and cultural set daily. Moreover, certain mitigatory projects and environmental education seem to consider more expectation and interest of the entities that propose that the populations involved. Accordingly, as the residents of Rancharia are related and represent the environment? What are the meanings they attach to it? How are experienced everyday social relations and environmental practices? As representations, everyday practices and experiences can contribute to environmental education? The investigation was guided by the qualitative research methodology because it allows the study of values, beliefs, habits, attitudes, representations and subjective aspects, like understanding of reality, relevance and meaning that the phenomena have for the social subjects. The research relied on the help of employees interviewed, especially those residing for more time on site, please understand that these guys lived through these changes in the environment over time and therefore carry their memories experiences, meanings, and personal transformations and their social group. The results indicate some suggestions for environmental education in the area searched.

**Key words:** Representations. Environmental. Place. Environmental education.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Foto 1</b> - Residência de Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia.....	1
<b>Foto 2</b> - Vista do reservatório da Usina Hidrelétrica Serra do Facão .....	14
<b>Foto 3</b> - Colaboradores Lázaro O. C. e Eva D. C. ....	26
<b>Foto 4</b> - Colaborador Alcides J. da S. ....	27
<b>Foto 5</b> - Colaboradores Joelson P. da S. e Teresa P. da S.....	27
<b>Foto 6</b> - Colaborador Paulo Inácio da S.....	30
<b>Foto 7</b> - Colaboradora Divina D. C.....	31
<b>Foto 8</b> - Colaborador Luiz, A. da S.....	31
<b>Foto 9</b> - Colaborador Sebastião P. da S.....	32
<b>Foto 10</b> - Residência de adobe na propriedade de Alcides J. da S.....	35
<b>Foto 11</b> - Antiga casa de adobe, comunidade rural de Rancharia.....	45
<b>Foto 12</b> - Atual residência de alvenaria, comunidade rural de Rancharia .....	45
<b>Foto 13</b> - Fogão caipira na residência de Divina D. C.....	46
<b>Foto 14</b> - Prateleira utilizada para acondicionar as panelas, residência de Divina D. C.....	47
<b>Foto 15</b> - Residência de Divina D. C., localizada em área baixa da fazenda.....	49
<b>Foto 16</b> - Residência de Alzelina V. D. da S., remanejada para área alta da fazenda .....	49
<b>Foto 17</b> - Casa com características coloniais, propriedade de Alcides J. da S.....	50
<b>Foto 18</b> - Doce de figo em calda. ....	54
<b>Foto 19</b> - Tear da artesã Divina D. C.. ....	55
<b>Foto 20</b> - Prédio da Escola Municipal Santo Amaro.....	56
<b>Foto 21</b> - Divina D. C., na ordenha manual .....	63
<b>Foto 22</b> - Produção de queijo, propriedade de Lázaro C. de O.....	64
<b>Foto 23</b> - Criação de suínos, propriedade de Paulo, I. de M.....	64
<b>Foto 24</b> - Criação de galinhas caipiras, propriedade de Paulo, I. de M.. ....	65
<b>Foto 25</b> - Ipê amarelo, árvore característica do Cerrado.....	70
<b>Foto 26</b> - Representação de meio ambiente enquanto natureza. ....	79
<b>Foto 27</b> - Ambiente como natureza.....	80
<b>Foto 28</b> - Ambiente enquanto lugar de produção.....	80
<b>Foto 29</b> - Detalhes do cotidiano. Pimentas no quintal .....	81
<b>Foto 30</b> - Pedra para afiar ferramentas.....	81
<b>Foto 31</b> - Detalhe do pomar, propriedade de Paulo, I. de M.....	82

<b>Foto 32</b> - Paisagem da comunidade rural de Rancharia.....	89
<b>Foto 33</b> - Encontro de educação ambiental realizado na varanda da casa .....	100
<b>Foto 34</b> - Encontro de educação ambiental realizado na sala da residência . .....	101
<b>Foto 35</b> - Encontro de educação ambiental realizado em frete a residência . .....	101
<b>Foto 36</b> - Encontro de educação ambiental realizado na sombra de uma mangueira.. .....	102
<b>Foto 37</b> - Oficina de educação ambiental, ensina a fazer compostagem. ....	102
<b>Foto 38</b> - Moradores de Rancharia, avaliando o tamanho da mata ciliar de um dos córregos que passam pela comunidade .....	103
<b>Foto 39</b> - Nos caminhos de Rancharia, saberes e descobertas. Moradora Divina D. C.....	105

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Área de abrangência do AHE Serra do Facão, 2009. ....	1
<b>Figura 2</b> - Localização de Rancharia, município de Campo Alegre de Goiás, 2010.. ....	29
<b>Figura 3</b> - Colheita das chuvas e surgimento das nascentes. ....	48
<b>Figura 4</b> – Cobertura vegetal e uso antrópico, comunidade de Rancharia .....	67

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Apresentação dos grupos de colaboradores .....	28
<b>Quadro 2</b> - Apresentação dos moradores de Rancharia, colaboradores da pesquisa.. .....	33
<b>Quadro 3</b> - Tipos de identificação da interiorização humana com o lugar, segundo Relph (1976).. .....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1.1 O caminho da pesquisa</b> .....	20
<b>1.2 A experiência da pesquisa</b> .....	25
<b>1.3 Os moradores de Rancharia</b> .....	28
<b>1.4 O conhecimento, as vivências e as emoções da pesquisa</b> .....	34
<b>2 RANCHARIA: uma história de relação com o lugar</b> .....	36
<b>2.1 Lugar: onde a vida se desenvolve cotidianamente</b> .....	37
<b>2.2 Um lugar chamado Rancharia</b> .....	39
<b>2.2.1 As relações sociais e de tradição</b> .....	50
<b>2.2.2 O ensino formal e o atendimento à saúde</b> .....	56
<b>2.2.3 A produção econômica e a relação com o meio ambiente</b> .....	60
<b>2.2.4 O cotidiano e a alegria de morar em Rancharia</b> .....	68
<b>3 VIVÊNCIAS E VALORES NO COTIDIANO DE RANCHARIA: as representações de meio ambiente dos moradores</b> .....	71
<b>3.1 Meio ambiente: reflexões e conceito</b> .....	72
<b>3.2 Representação social: conceito e teoria</b> .....	74
<b>3.3 As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia</b> .....	76
<b>3.3.1 Ambiente enquanto natureza e lugar</b> .....	77
<b>3.3.2 As formas de produção e as transformações ocorridas no ambiente</b> .....	82
<b>3.3.3 O rádio e a televisão, principais meios de difusão de informações</b> .....	86
<b>4 PERTENCER E CUIDAR DO AMBIENTE E SEUS LUGARES: a educação ambiental como caminho</b> .....	90
<b>4.1 Para pensar a educação e a complexidade ambiental</b> .....	91
<b>4.2 Educação ambiental, transdisciplinaridade e cultura de paz</b> .....	95
<b>4.3 Rancharia e as ações e programas de educação ambiental</b> .....	99
<b>5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>APÊNDICE I - Registros do caderno de campo</b> .....	114
<b>APÊNDICE II - Roteiro para entrevista</b> .....	117
<b>APÊNDICE III - Parecer Comitê de Ética</b> .....	118

# INTRODUÇÃO



**Foto 2** - Vista do reservatório da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. jul./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da existência humana no planeta, existe uma relação de dependência entre o ser humano e o meio. Da natureza, a humanidade sempre retirou recursos indispensáveis à sua sobrevivência, criando e recriando suas paisagens. Os povos nativos viam a natureza como uma mãe que oferece alimento, abrigo e proteção para seus filhos, garantindo a sobrevivência. Eles viviam basicamente da coleta, da caça e da pesca para atender as necessidades básicas de seus grupos sociais, práticas que não provocavam desequilíbrios ecológicos.

Com o passar do tempo, os grupos humanos passaram a domesticar espécies, tanto animais quanto vegetais e, a partir daí, iniciaram o processo de transformação dos *habitats*, causando, em algumas regiões, profundas modificações na paisagem. Com a prática da agricultura, inicia o processo de separação entre o ser humano e a natureza, como descreve Oliveira (2006):

quando os seres humanos passaram a cultivar suas espécies vegetais e a utilizar os animais como força motriz, passaram a praticar a agricultura [...]. Praticando esta nova atividade, deram início, de modo marcante, ao controle sobre a natureza e, conseqüentemente, à degradação dos ecossistemas, transformando radicalmente sua economia, marcada agora pelo domínio no abastecimento de alimentos. (OLIVEIRA, 2006, p. 154).

A autora supracitada ressalta ainda que, apesar de os humanos já provocarem estas modificações nos ecossistemas, a velocidade de regeneração da natureza se equilibrava com a velocidade e a intensidade de sua exploração, mantendo uma relação harmônica entre o ser humano e a natureza, uma vez que havia a possibilidade de regeneração e de equilíbrio dos ecossistemas.

Todavia, o crescimento da sociedade humana aumentou a pressão e a exploração da natureza, além da obtenção de lucro a partir da comercialização de produtos naturais. Surgiram então os desequilíbrios ambientais, que em alguns casos, colocaram em risco não somente a vida de outras espécies, mas também do próprio ser humano.

Hoje, se comparada com os povos que a precederam, a sociedade moderna está causando rápidas transformações no meio. Algumas delas geradoras de impactos e conflitos, principalmente em comunidades locais, interferindo nas relações econômicas, sociais e culturais estabelecidas cotidianamente.

Brennan apud Grun (2007) compara a sociedade moderna a uma máquina de

terraplanagem que com sua enorme pá supre a vegetação, os prédios velhos, árvores consideradas verdadeiros tesouros, paisagens para guardar na memória, deixando aberta uma vastidão para o desenvolvimento, cria um reinício, um novo projeto, sem respeitar o que ocupa o lugar anterior ao desenvolvimento, sem engajar em sinergia ou parceria com o anterior, mas destruindo o que aí está no preparo para o que está por vir.

Assim, ao longo da história, os processos de construção social foram transformando os elementos naturais, dando às paisagens diferentes características e significados, como descreve Machado (1988):

em toda parte os cultivos se seguem aos desmatamentos, as cidades expandem, novas indústrias se instalam, usinas hidrelétricas alteram os cursos de rios e a fauna e flora local. Estradas ligam áreas anteriormente isoladas. Essas modificações, extremamente diversificadas, ocorrem sempre atendendo a alguma necessidade humana do momento, porém nem sempre com vistas no futuro. (MACHADO, 1988, p. 8).

As cidades se tornaram os principais centros consumidores dos recursos naturais como ressalta Oliveira (2006) em seus estudos sobre a educação ambiental, aspectos históricos e perspectivas.

O processo de urbanização, representado como remanescente rural e emergente da revolução industrial, caracterizou-se, desde seu surgimento, como um centro consumidor especializado em recursos naturais. Atualmente, a cidade grande dá às pessoas a impressão de liberação total da natureza. Suas necessidades em termos de energia, alimentação, comércio, entre outras, parecem ser satisfatórias a partir do espaço determinado por elementos que nada devem aos recursos naturais, chegando até a configurar a falsa alienação do humano urbano, do ambiente natural ao qual ele também pertence. (OLIVEIRA, 2006, p. 158).

O processo de urbanização contribuiu para que as pessoas se distanciassem do ambiente natural e aos poucos fossem perdendo o sentimento de pertencimento aos lugares. Por outro lado, as famílias que permanecem no meio rural, sobretudo as que desenvolvem uma agricultura familiar, baseada na relação com a terra, o trabalho e a família, vivenciam valores e significados que as mantêm ligadas ao ambiente e seus lugares.

Os moradores da comunidade rural de Rancharia, no município de Campo Alegre de Goiás (GO), ao longo de sua história, conviveram com várias transformações socioambientais. No contexto dessa pesquisa, duas delas merecem destaque. A primeira mudança ocorreu na década de 1970, quando a comunidade começou a sofrer o impacto do êxodo rural fortalecido pelo agronegócio no centro-oeste brasileiro e pelo processo mundial

de urbanização. É importante destacar que nesse período Rancharia apresentava sua maior densidade demográfica: em torno de 100 famílias, mas que gradativamente optaram por viver nas cidades da região como forma de fugir das dificuldades encontradas no meio rural.

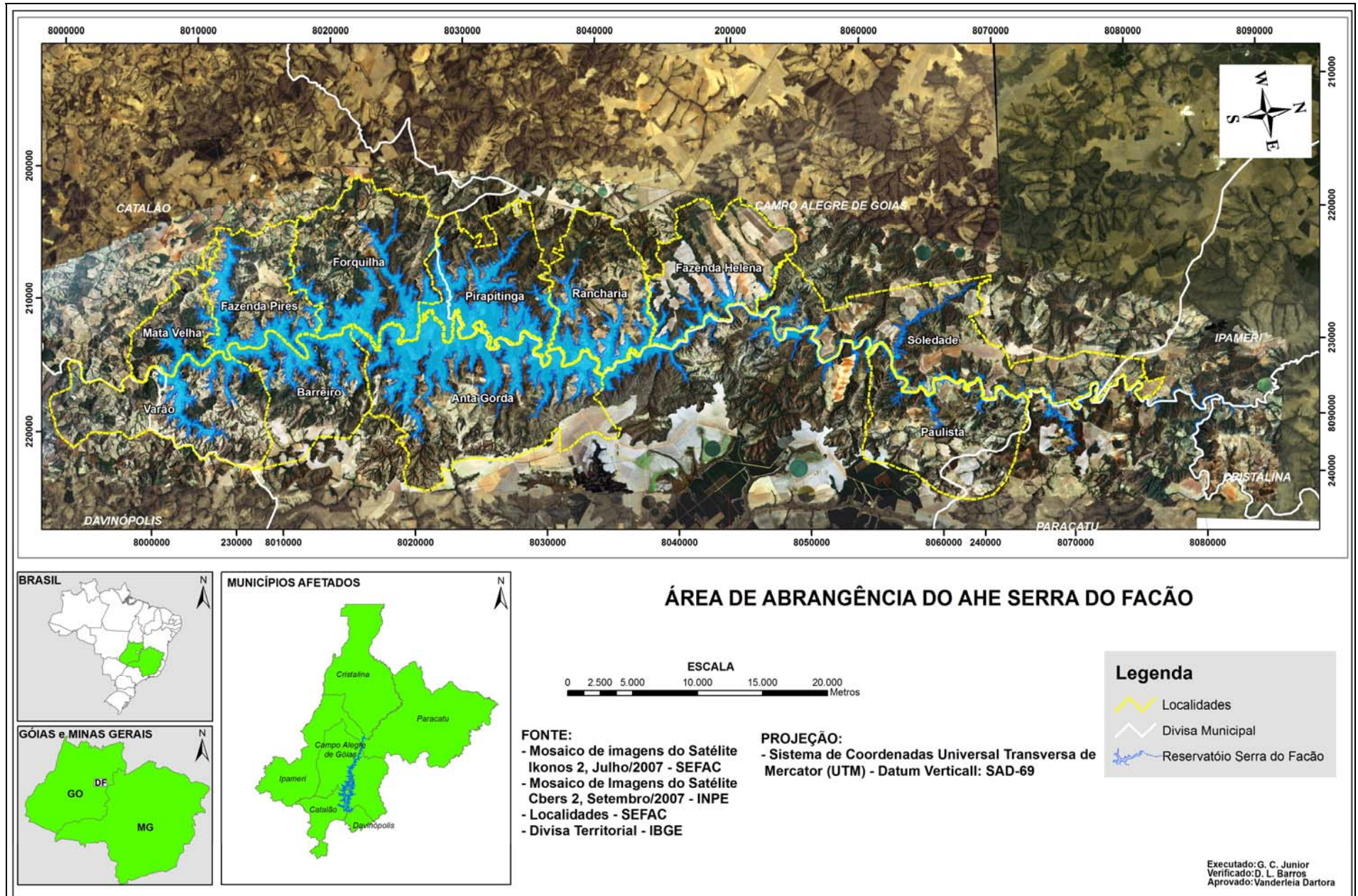
A segunda alteração ocorreu em 2007, com a construção da usina hidrelétrica Serra do Facão, que causou uma significativa mudança na vida dos moradores. Expectativas, interesses, insegurança, ansiedade, alterações na paisagem local e nas relações sociais, econômicas e ecológicas, foram vivenciadas pelas, aproximadamente, 30 famílias que ainda residiam no local.

Nesse cenário, conheci Rancharia e outras localidades no vale do rio São Marcos, no Sudeste Goiano. Durante o trabalho de atualização do Cadastro Socioeconômico (CSE<sup>1</sup>) das famílias que tiveram seus imóveis rurais total ou parcialmente afetados pela formação do reservatório da usina hidrelétrica Serra do Facão foi possível conhecer as tradições, os fazeres e os saberes dessa população, bem como levantar e registrar os aspectos sociais e econômicos de cada propriedade rural. Participando dos projetos relativos ao licenciamento da referida usina, sobretudo o programa de educação ambiental, possibilitou o convívio de três anos com os moradores de Rancharia.

A usina hidrelétrica Serra do Facão (Figura 1) está localizada entre os municípios de Catalão e Davinópolis, ambos no Estado de Goiás. O lago abrange ainda terras dos municípios goianos de Campo Alegre de Goiás, Cristalina e Ipameri, além de Paracatu, em Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> O CSE faz parte do Programa de Indenização e Remanejamento da População Atingida, que integra o Projeto Básico Ambiental (PBA) de usina. O PBA é um documento composto por vários programas sociais e ambientais, elaborado para mitigar, minimizar e/ou compensar os impactos causados pelo empreendimento, levantados e registrado durante o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impactos sobre o Meio Ambiente (RIMA), apresentados e aprovados pelo IBAMA.



**Figura 1** - Área de abrangência do AHE Serra do Facão. Identificação das localidades rurais de entorno ao empreendimento, 2009. Org.: Dartora, V. set./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

O convívio com os moradores de Rancharia proporcionou conhecer as relações de parentesco existente entre eles e as vivências e significações que compõem o seu cotidiano. Instigaram minha inquietação sobre os impactos causados por transformações socioambientais e a forma como determinados projetos mitigatórios e de educação ambiental são desenvolvidos nas escolas, comunidades e empresas. Alguns desses projetos, por vezes, parecem considerar mais a expectativa e o interesse das entidades que os propõem do que das populações, famílias e ou sujeitos envolvidos.

A escolha de Rancharia deve-se ainda pelos sentimentos afetivos que o cotidiano, o parentesco entre as famílias e a acolhida dos moradores me fizeram reviver. Nela sinto-me como se eu estivesse na comunidade rural de Bela Vista, município de Jacutinga (RS) onde vivi minha infância e adolescência e experienciei o valor da amizade, da vizinhança, da ajuda mútua e o sentido de pertencimento a um lugar, a uma comunidade. Na Rancharia (re)vivi o carinho e o aprendizado simples que meus avós agricultores me proporcionaram em contato direto com a terra, a família e a natureza. No cotidiano rural fortaleci a coordenação motora subindo em árvores e a coragem escalando cachoeiras no meio da mata. Acompanhar os pais nas tarefas diárias de alimentar as vacas, os porcos, as galinhas e os cachorros, ordenhar as vacas, fazer o queijo, capinar a horta e o pomar, plantar as lavouras de milho, soja, feijão, amendoim e mandioca fortaleceram o cuidado com a vida e o respeito aos animais.

Os valores, saberes e experiências que os moradores de Rancharia vivenciam no ambiente motivaram ainda a busca por elementos e informações que possam contribuir para o desenvolvimento da educação ambiental nessa comunidade, a partir da reflexão sobre a educação para a paz e a complexidade ambiental.

Assim, a pesquisa teve como objetivo compreender as representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, com o intuito de obter informações e orientações que possam contribuir com programas e ações de educação ambiental na comunidade e, possivelmente, a nível regional e nacional. As relações, significados e mudanças que envolvem o ser humano e o seu ambiente são permeados por conceitos, representações e conhecimentos. Em função disso, a investigação iniciou com a realização de uma discussão teórica conceitual sobre representação social, meio ambiente, lugar e educação ambiental.

Em seguida, pressupondo que os sujeitos atribuem significados ao ambiente e que estes variam de acordo com os valores e as experiências vivenciadas de forma objetiva e subjetiva, foram elaboradas algumas questões que sustentaram a problemática da pesquisa e orientaram a investigação, quais sejam: Como os moradores de Rancharia se relacionam e

representam o ambiente? Quais os significados que atribuem a ele? Como são vivenciadas cotidianamente as relações sociais e as práticas ambientais? Como as representações, práticas e vivências cotidianas podem contribuir com a educação ambiental?

A partir dos questionamentos propostos foram identificadas as formas de ocupação e uso do espaço, as práticas ambientais, os aspectos físicos e econômicos, a organização social, as vivências cotidianas, as crenças, os valores e os laços sociais de parentescos, amizade e vizinhança. Em seguida foram registradas as representações sobre o meio ambiente que os moradores de Rancharia apresentam para, a partir delas, serem pontuadas diretrizes que podem contribuir com a educação ambiental nessa comunidade.

A importância e a justificativa dessa pesquisa residem, primeiramente, na possibilidade instigante de conhecer e compreender a complexidade da realidade por meio das vivências sociais, das práticas ambientais e dos significados que os diferentes sujeitos atribuem ao ambiente e seus lugares. Como contribuição prática, as informações obtidas poderão orientar programas e ações de educação ambiental para a comunidade rural de Rancharia, ou quiçá em nível regional, estadual e nacional.

Ressalta-se ainda que, apesar das mudanças tecnológicas e econômicas abrirem novos horizontes na vida das pessoas, dificilmente consegue fazê-las negar o sentimento de pertencimento aos lugares vividos. Assim, Rancharia foi tomada como uma comunidade onde a “vida comunitária se desenvolve na relação constante com a terra e o lar” (MIRANDA, 1995, p. 177). O autor supracitado, destaca ainda que o conceito de comunidade repousa sobre os laços de sangue e de parentesco, sobre a associação com a terra e laços de lugar, de amizade, de sentimentos partilhados e crenças comuns.

## **1.1 O caminho da pesquisa**

A pesquisa qualitativa foi adotada como metodologia de investigação, pois permite o estudo de valores, crenças, hábitos, atitudes e representações, sendo, portanto, adequada para analisar a complexidade dos fatos socioambientais. A abordagem qualitativa permite ainda privilegiar aspectos subjetivos dos atores sociais, como compreensão da realidade, relevância e significados que os fenômenos têm para eles.

Quando o universo pesquisado requer a investigação de elementos subjetivos e simbólicos, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, faz-se necessária a

utilização de uma abordagem metodológica que consiga penetrar no conhecimento, nas experiências e nas representações, a partir das quais ações e relações adquirem sentido. A abordagem metodológica qualitativa permite ao pesquisador mergulhar no contexto da pesquisa, buscando compreender os sentidos, as emoções e os significados que os fenômenos adquirem cotidianamente para os sujeitos envolvidos.

A pesquisa qualitativa surgiu nos países da América Latina, por volta da década de 1970 como um confronto à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais. Era preciso ampliar o contexto da investigação já que a vida precisava ser interpretada de forma muito mais ampla do que simples dados objetivos. Ela se caracteriza por ter o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; ser descritiva e o fenômeno descrito estar impregnado de significados e de aspectos subjetivos; o pesquisador está preocupado com o processo e não simplesmente com os resultados; o produto e o significado é a preocupação essencial da abordagem qualitativa. As informações coletadas são interpretadas e podem indicar novas buscas de dados, por isso, ela é também dinâmica (BORDAN apud TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa qualitativa permite ainda compreender os fenômenos vividos e experienciados por meio das descrições feitas pelos sujeitos; valoriza verdades essenciais acerca da realidade obtida a partir das experiências vividas. Todavia, os resultados obtidos possivelmente são simples aproximações da realidade, pois os fenômenos são mais amplos e complexos que o objeto da pesquisa, como descreve Sá (1998):

as realizações da ciência são simples aproximações da realidade [...], os fenômenos [...] são mais complexos que os objetos de pesquisa que construímos a partir deles. Quando os simplificamos, fazemos isto a partir de uma teoria que os torna compreensíveis para a finalidade da pesquisa. (SÁ, 1998, p. 22).

A pesquisa qualitativa trabalha com situações complexas, em que as realidades simbólicas são formadas e embasadas por representações expressas por meio de palavras. Ao narrar suas experiências de vida, os sujeitos revelam a complexidade existente no ambiente e seus lugares. Revelam a historicidade dos fatos e os significados retidos na memória. Por isso foram adotadas, como modalidades de investigação, as histórias orais ou de vida, as representações sociais, a observação simples e a pesquisa bibliográfica, por permitirem a abertura de um leque de informações, registros, conhecimentos, percepções e emoções.

A primeira modalidade utilizada, a história oral, foi introduzida no contexto

acadêmico a partir de 1920 pela da Escola de Chicago. Mas foi nas últimas décadas, particularmente no Brasil, que essa modalidade ganhou impulso, com a pesquisa qualitativa, cujo método privilegia a subjetividade e a trajetória da memória social como forma de compreensão das práticas cotidianas. A história oral possibilita conhecer e aprofundar aspectos sobre uma determinada realidade, como as estruturas sociais, as tradições, os processos históricos e as vivências cotidianas.

As informações são obtidas por meio de conversas, relatos orais dos sujeitos que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância na sua vida cotidiana. Muitas vezes o fato de detectar essas memórias significa delinear aspectos relevantes que, de outra forma, ficariam à margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. Cada relato é uma forma pessoal de expressar o grupo e o que cada pessoa relata e o modo como relata; são construções que se determinam na vida em sociedade.

A história oral possibilita que indivíduos pertencentes a um grupo social possam deixar registrados, para análise futura, suas próprias visões de mundo e aquela do grupo social a que pertencem. Valoriza a história contada por quem a vivenciou, na qual o que interessa é o ponto de vista do sujeito, ou seja, apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator. Nesse processo, a vida não é totalmente revisitada, parte dela é selecionada de acordo com as lembranças do narrador e a condução feita pelo entrevistador, conforme objeto da pesquisa.

A representação social, segunda modalidade utilizada, preocupa-se com o conhecimento da realidade e da cultura e como estes influenciam nas atitudes e comportamentos dos sujeitos sociais. O emprego das representações como modalidade de pesquisa deve-se pelo fato destas envolverem a realidade social e o cognitivo, articulando elementos afetivos, mentais e sociais. É uma modalidade que abriu espaço à interpretação, possibilitando a emergência dos significados, da esfera simbólica e das intencionalidades (SPINK, 2005).

A terceira modalidade adotada, a observação simples, apresenta-se como uma forma de registro espontâneo e informal. Permite o uso dos sentidos para obter o conhecimento de determinado aspecto da realidade. Possibilita observar situações e comportamentos difíceis de serem identificados e registrados por meio de categorias.

Por fim, a pesquisa bibliográfica, última modalidade adotada, permitiu abranger o conhecimento tornado público em relação ao objeto de estudo e possibilitou a discussão das

informações obtidas dando cientificidade à investigação. A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou escrito, mas propicia o estudo de um objeto sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Para aplicabilidade das modalidades da pesquisa foram utilizados como instrumentos a entrevista semi-estruturada, o diário de campo e os registros fotográficos.

As entrevistas se caracterizam por expressar conversas entre duas ou mais pessoas, em que são obtidas informações da realidade dos atores sociais envolvidos na pesquisa, suas condições de vida, seu viver o cotidiano e suas relações sociais e práticas ambientais. Elas foram adotadas por constituírem um meio eficaz para apreender as expectativas sociais de um grupo, de uma instituição ou de uma formação social; permitem elucidar condutas, à medida que estas só podem ser interpretadas considerando a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações (POUPART, 2008).

Na entrevista cria-se uma relação de interação entre o entrevistado e o entrevistador, especialmente quando esta não é totalmente estruturada, onde não há uma ordem rígida de questões. Por isso, nesta pesquisa, o uso da entrevista semi-estruturada permitiu a observação de gestos e palavras emotivas, o olhar nos olhos, a liberdade e espontaneidade no narrar. Para Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Outro instrumento relevante, usado nessa pesquisa, foi o diário de campo ou caderno de campo. Ele possibilitou o aperfeiçoamento das habilidades de observar e sistematizar a partir da escrita, reações, sentimentos e comportamento dos pesquisados. O exercício de registrar colabora para a superação de preconceitos, estimula a memória do pesquisador e aguça a percepção do espaço vivido, percepção essa que ajuda a compreender a complexidade do rural que está em práticas culturais que estabelecem relações imediatas com a natureza.

São infinitas as possibilidades para elaborá-lo, mas embora pareça fácil, a confecção de um diário de campo requer certo grau de esforço e disciplina, pois não se trata apenas de escrever uma série de dados num caderno em branco. Trata-se de registrar momentos de convívio que não são representados somente pela fala, mas por gestos, reações, comportamentos e emoções.

No caderno de campo foram registradas as experiências vividas e as observações sobre a realidade de estudo, as emoções, as imagens da paisagem retidas na memória, as redes

de relações sociais, culturais e econômicas que são estabelecidas cotidianamente, a relação que os moradores têm com a terra, o lugar e o meio em que vivem. As informações foram redigidas logo após a conclusão da entrevista ou da visita a campo, momento em que as lembranças estavam vivas na mente. Para complementar os registros escritos, foram feitas fotografias de aspectos da paisagem, de tradições e de expressões faciais dos atores sociais envolvidos. A seguir, um trecho do diário de campo desta pesquisa, escrito após o encontro e entrevista com um dos colaboradores:

Hoje, 12 de julho de 2010, fui à casa do colaborador Alcides. Já havíamos nos encontrados outras vezes, quando em suas narrativas, falou sobre ocupação de Rancharia, seus primeiros moradores. Alcides sempre demonstrou grande interesse na pesquisa, gosta de participar, se interessa pelos resultados. No início de nossa conversa ele parecia um pouco nervoso, talvez por causa do gravador, mas aos poucos a conversa foi fluindo naturalmente. Narrou aspectos importantes sobre as formas que eram construídas as primeiras moradias, dos ranchos de pau a pique, as casas de adobe e posterior de alvenaria; a relação de vizinhança entre os moradores, os mutirões, as desavenças entre algumas pessoas, as festas de Nossa Senhora da Abadia e São João que aconteceram até os anos de 1980. Outro ponto relatado pelo colaborador foi com relação às formas de produção que antigamente baseavam-se na agricultura familiar. Os proprietários maiores geralmente plantavam roças maiores; cultivavam e armazenavam milho, café, arroz, feijão, tocinho e rapadura. Os fazendeiros matavam os porcos e vendiam para os agregados e diaristas em troca de dias de serviço. Na década de 1970 iniciou a criação de gado que se estende até hoje. Sobre a vegetação, Alcides relata que antigamente tinha campo aberto, Cerrado fechado e, na beira dos córregos, as matas eram retiradas para o plantio das roças, terras de cultura. Em Rancharia hoje tem poucas matas, prevalecendo às pastagens. Considera que as pessoas até hoje não tem consciência de preservar as matas e há pouca fiscalização. Desmata-se por ganância, para plantar um palmo a mais de terra, lamenta. O colaborador mora na fazenda, na casa que era de seus pais, juntamente com sua mãe e um de seus irmãos. Sua esposa e filhos residem na cidade de Campo Alegre de Goiás. A casa de alvenaria, com telhado de quatro águas e janelas de madeiras, mantém as características das casas de fazenda do século XX. Na sala onde realizamos a entrevista, um banco de madeira e os quadros de seus avós e de seus pais dão o aconchego das casas de fazenda. Após o falecimento de seu pai, em 2007, a fazenda foi dividida entre os herdeiros. Alcides é formado em Técnico em Agropecuária e tem sua renda proveniente da criação de gado e produção de leite. A área plana da fazenda está arrendada para cultivo de soja. Convive com as dificuldades da vida na roça, dentre elas, garantir o

sustento da família e a proteção do meio ambiente. Por isso, há dois anos investe no manejo biológico do gado, onde realiza o controle da mosca do chifre e dos carrapatos com homeopatia. Neste dia, o amarelo das mexericas maduras no quintal, o rosa das flores das paineiras, popularmente chamadas de barrigudas, e das buganvílias no jardim, e o azul do céu, nos deixavam em estado de contemplação, em harmonia e paz com o ambiente e seus lugares. Quando terminamos nossa conversa, Alcides perguntou se, no final da pesquisa, eu poderia entregar uma cópia da dissertação para eles. Falei que não só farei isso, como os convidarei para assistir à defesa da pesquisa. Emocionado, Alcides afirmou que certamente estará presente. Outros registros de campo são apresentados no Apêndice I.

## **1.2 A experiência da pesquisa**

O primeiro passo da caminhada foi a realização de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos de periódicos, revistas especializadas, monografias, *sites*. As referências levantadas permitiram aprofundar o conhecimento sobre representação social, meio ambiente, lugar e educação ambiental, elementos conceituais que nortearam a pesquisa.

Em seguida foi realizada uma pesquisa em documentos oficiais e dados censitários obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em Departamentos e Institutos Municipais e Estaduais de Estatística para levantar a história da ocupação de Rancharia, os aspectos sociais, econômicos e ambientais e as manifestações culturais estabelecidas pelas famílias ao longo do tempo. Contudo, o que mais ajudou a compor o cenário da ocupação, das vivências cotidianas, crenças, valores e laços sociais de parentescos, amizade e vizinhança, foram os relatos orais de antigos e atuais moradores, coletados em visitas às famílias e durante o período de três anos de convívio.

Em um encontro com os moradores de Rancharia, realizado em novembro de 2009, foram apresentados os objetivos e a importância da pesquisa e as pessoas foram convidadas a colaborar. Por meio de entrevistas e conversas, elas fariam o relato dos conhecimentos e significados das experiências de vida naquele lugar. O aceite foi unânime e a satisfação e o contentamento em poder participar foram expressos nos olhares, nos sorrisos, nos gestos e nas palavras. Partilhar a proposta de pesquisa ajudou a torná-la familiar aos colaboradores, evitando assim constrangimentos, conforme sugere Rey (2005, p. 85), “a melhor forma de ganhar a confiança e a segurança na relação com os participantes é, nesse

caso, estabelecer um diálogo que leve os sujeitos a sentirem a necessidade de participar.”

De novembro de 2009 a setembro de 2010, as idas a Rancharia foram intensificadas. Visitas, conversas, entrevistas, fotografias e observações simples permitiram levantar as representações que os moradores apresentam sobre o meio ambiente, o sentido e o significado que as práticas vivenciadas cotidianamente têm para eles, além de evidenciar as relações estabelecidas no local.

As entrevistas foram gravadas e orientadas por um roteiro semi-estruturado (Apêndice II), para que os objetivos fossem atendidos e a dimensão subjetiva das práticas não fosse perdida durante os relatos de vida dos sujeitos envolvidos. A seguir são apresentados alguns dos entrevistados (Fotos 3, 4 e 5).



**Foto 3** - Colaboradores Lázaro O. C. e Eva D. C. comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 4** - Colaborador Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 5** - Colaboradores Joelson P. da S. e Teresa P. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

### 1.3 Os moradores de Rancharia

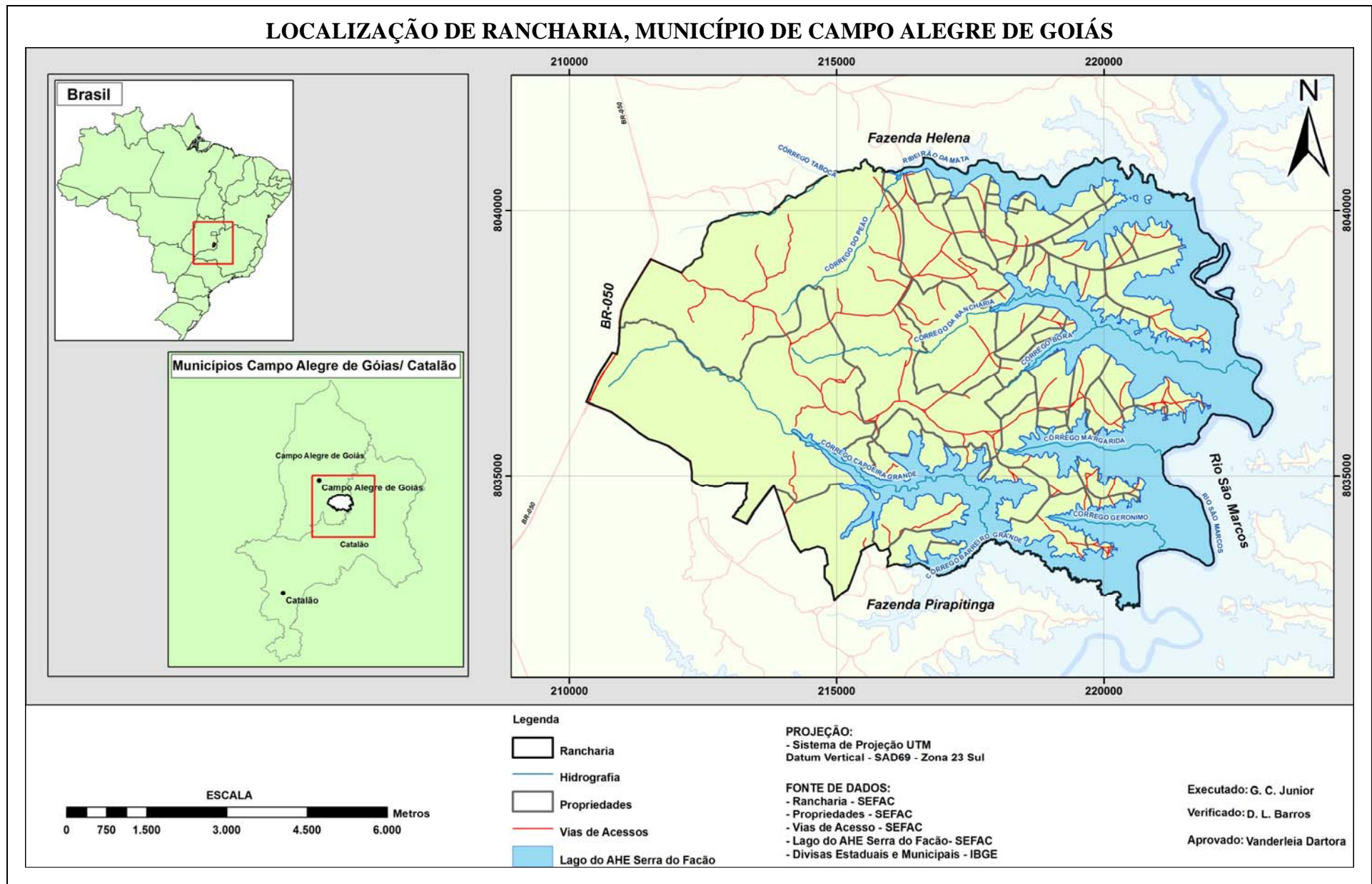
Rancharia está localizada a aproximadamente 20 quilômetros da sede do município de Campo Alegre de Goiás (GO). Limita-se ao norte com a Fazenda Helena, ao sul com a Fazenda Pirapitinga, a leste com o rio São Marcos e a oeste com a BR 050. Em pequenas propriedades rurais residem hoje 25 famílias, totalizando em torno de 60 pessoas. A figura 2 apresenta a localização e delimitação das propriedades rurais que compõem Rancharia. Todavia, sabe-se que as relações sociais que caracterizam uma comunidade ultrapassam esses limites. Já os moradores de Rancharia foram separados em quatro grupos, divididos por faixa etária, conforme quadro 1 abaixo:

<b>Grupo</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Número pessoas</b>	<b>% em relação ao total de moradores</b>
Grupo 1	50 anos ou mais	19	28%
Grupo 2	25 a 49 anos	24	39 %
Grupo 3	15 a 24 anos	11	17%
Grupo 4	1 a 14 anos	10	16%

**Quadro 1** - Apresentação dos grupos de colaboradores. Fonte: Trabalho de Campo/jul./set./2010. Org.: Dartora, V.

O grupo 1 é composto por sete casais, três viúvas e um viúvo, e um casado cuja esposa mora em Goiânia (GO). Exceto este último, que foi morar na Rancharia após se aposentar, os demais são os moradores mais antigos. Neste grupo estão os principais sujeitos colaboradores desta pesquisa, considerados assim por trazerem na memória lembranças e significados das experiências evidenciadas no lugar por um período cronologicamente maior. São mulheres e homens que acompanharam e vivenciaram mudanças sociais e ambientais no tempo e no espaço e, por isso, suas lembranças carregam representações e significações próprias ou do grupo social do qual fazem parte.

Em suas narrativas, lembram as principais alterações ocorridas neste ambiente ao longo dos anos, bem como as interferências causadas por tais mudanças. Emocionam-se ao falar dos primeiros moradores e de suas casas simples, das relações de vizinhança, dos mutirões para bater o pasto e fiar, dos forrós e das cantigas, e das festas de casamento e aniversários e as celebrações em homenagem aos santos. Relatam as formas de produção manual, a diversidade de alimentos colhidos e o cuidado que esse cultivo proporcionava às matas e aos animais silvestres, a abundância de águas e chuvas.



**Figura 2** - Localização de Rancharia, município de Campo Alegre de Goiás, 2010. Fonte: Trabalho de Campo/jul./set./2010. Org.: Dartora, V.

Os membros do grupo 1, lembram ainda das professoras que ensinavam nas casas, numa época em que ainda não havia escola na comunidade. Recordam quando as professoras começaram a lecionar nas escolinhas multisseriadas, construídas anos mais tarde. Ficam entristecidos ao falar das dificuldades em que viviam algumas famílias e das desavenças e brigas que ocorriam esporadicamente. Reforçam a alegria, a tranquilidade e a segurança que era e é viver na roça.

O grupo 2 é formado por nove casais, dois solteiros, um casado cuja esposa tem menos de 25 anos e três casados cujas esposas moram na cidade. Das pessoas deste grupo, somente quatro não nasceram na Rancharia, os demais são filhos dos primeiros moradores, nasceram, cresceram, estudaram, casaram e tiveram seus filhos na comunidade. Nas narrativas destes colaboradores são destacadas as brincadeiras de criança, as aulas na antiga escolinha, as formas de produzir nos pequenos roçados manuais que apreenderam com seus pais, a criação de gado de corte e leite, a introdução de maquinários agrícolas, as mudanças ecológicas e sociais e a degradação ambiental. As fotos 6, 7, 8 e 9 apresentam alguns dos colaboradores dos dois grupos citados.



**Foto 6** - Colaborador Paulo Inácio da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 7** - Colaboradora Divina D. C., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 8** - Colaborador Luiz, A. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. jul./2010. Fonte: Trabalho de Campo.



**Foto 9** - Colaborador Sebastião P. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

Por fim, foram realizadas entrevistas com jovens do grupo 3. Estes, embora com um tempo de vida cronologicamente menor que os demais, nasceram e cresceram na comunidade, vivenciando saberes e fazeres junto com seus pais. Por outro lado, estudam em escolas localizadas na cidade, mantendo diferentes relações e significações, que influenciam em suas representações individuais e dos grupos que se relacionam. Nas narrativas eles falam da importância de preservar o meio ambiente, as nascentes, as matas e os animais. Conhecem várias espécies vegetais e animais do Bioma Cerrado. Falam da tranquilidade de viver no meio rural; do ar puro; dos amigos. Todavia, consideram que viver na cidade facilita a continuidade dos estudos e empregar-se em empresas onde, possivelmente, terão bons salários. As crianças e adolescentes do grupo 4 foram levantadas somente com o intuito de obter um panorama da população total de Rancharia, não sendo realizadas entrevistas com elas.

A pesquisa permitiu compor o cenário social e ecológico de Rancharia, as relações estabelecidas no ambiente e seus lugares e os significados e as representações dos moradores. Para tanto, contou com a ajuda dos colaboradores entrevistados, principalmente daqueles que residem há mais tempo no local, por entender que estes sujeitos vivenciaram as mudanças sociais e ambientais ocorridas ao longo do tempo e, por isso, suas lembranças carregam

experiências, significados e transformações pessoais e de seu grupo social. Esses sujeitos detêm a historicidade das experiências vividas no lugar e os significados, representações e valores que estas representam na vida cotidiana.

A amostragem foi se delineando no decorrer da pesquisa, sendo finalizada quando os fatos narrados pelos novos colaboradores se apresentavam iguais e ou semelhantes aos relatos dos colaboradores já entrevistados, acrescentando pouco conteúdo e significado ao contexto da pesquisa. Esse critério de seleção da amostragem é conhecido como de “saturação”, que é empregado para se chegar a esse número-limite (não definido previamente) no decorrer da pesquisa, quando os temas e/ou argumentos começam a se repetir isto significaria que entrevistar uma maior quantidade de outros sujeitos pouco acrescentaria de significado ao conteúdo da representação. (SÁ, 1998). Assim, a amostragem de colaboradores se delineou conforme o quadro 2 a seguir:

<b>N.</b>	<b>Colaboradores<sup>2</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Situação Civil</b>	<b>T. R. R<sup>3</sup></b>
01	Eva D.C.	78	Casada	12
02	Lázaro C. de O.	67	Casado	40
03	Divina D. C.	55	Viúva	30
04	Luiz A. da S.	56	Casado	08
05	Sebastião P. da S.	73	Casado	73
06	Therezinha da S.	68	Viúva	68
07	Bento P. da S.	57	Casado	57
08	Maria Aparecida P. da S.	55	Casada	36
09	Jerônima C. da S.	73	Viúva	55
10	Joaquim F. da S. N.	67	Casado	67
11	Joaquim F. da S.	94	Viúvo	88
12	Paulo I. de M.	49	Casado	49
13	Cleusa F. da S.	32	Casada	32
14	Alzelina V. D. da S.	52	Casada	21
15	Alcides J. da S.	49	Casado	20
16	Joelson da S.	34	Casado	34
17	Paulo H. I. de M.	16	Solteiro	16
18	Lorrane F. D.	15	Solteira	15

**Quadro 2** - Apresentação dos moradores de Rancharia, colaboradores da pesquisa. Fonte: Trabalho de Campo/jul./set./2010. Org.: Dartora, V.

<sup>2</sup> O sobrenome dos colaboradores foi ocultado com o objetivo de respeitar e proteger sua identidade.

<sup>3</sup> Tempo que Reside em Rancharia

#### **1.4 O conhecimento, as vivências e as emoções da pesquisa**

Desta forma, o conhecimento adquirido, os saberes e fazeres dos sujeitos envolvidos, as emoções, a acolhida e o conviver juntos, a história revisitada, as representações e significados, as reflexões e a socialização do aprendizado, os resultados e orientações são compartilhados aqui em três capítulos.

O primeiro, denominado “Rancharia: uma história de relação com o lugar”, apresenta as reflexões sobre o conceito de lugar e as características sociais, econômicas e ambientais do lugar; as relações estabelecidas entre os moradores, o ambiente e seus lugares ao longo do tempo; as manifestações culturais; as histórias de vida e o sentimento de pertencimento.

O capítulo dois, “Vivência e valores no cotidiano de Rancharia: as representações de meio ambiente dos moradores”, apresenta o encontro entre as vivências da comunidade, as representações de meio ambiente dos moradores e o referencial teórico sobre representação social.

No terceiro capítulo, denominado “Pertencer e cuidar do ambiente e seus lugares: a educação ambiental como caminho”, baseado no referencial teórico e nas informações obtidas durante a pesquisa, são propostas algumas reflexões sobre a educação do futuro, a complexidade ambiental, a transdisciplinaridade e as ações de educação ambiental vivenciadas nos últimos anos pelos moradores de Rancharia.

Nas considerações finais, a partir do conhecimento sobre a complexidade da realidade cotidiana e dos significados que os colaboradores atribuem ao ambiente são apontadas algumas reflexões que podem contribuir para a educação ambiental em nível local e, possivelmente, regional, estadual e nacional.

Fica o desejo de que esta pesquisa contribua para se conhecer e compreender a historicidade, as dinâmicas, as representações e os significados que os moradores de Rancharia atribuem ao ambiente e seus lugares e como estas podem gerar informações pertinentes às reflexões da educação ambiental. Contribua ainda na valorização dos lugares e seus componentes naturais, sociais e culturais; no fortalecimento do sentimento de pertencimento; no desafio de ver a realidade de forma objetiva e subjetiva, simples e complexa, desafiadora e encantadora, conflituosa e harmônica.

## **RANCHARIA:**

uma história de relação com o lugar



**Foto 10** - Residência de adobe na propriedade de Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

## 2 RANCHARIA: uma história de relação com o lugar

*Senhora Dona da casa  
Saia aqui neste salão  
Que eu quero beber um gole  
Na palma da sua mão*

*Senhora Dona da casa  
Saia aqui nesta porta  
Quero que me conta  
Quantas galinhas têm morta*

*Senhora Dona da casa  
Sobrancelha de boneca  
Quero beber um gole  
Na xícara ou na caneca*

*Senhora Dona da casa  
Minha flor de tapete  
Vim cá trabalhar  
Mas a preguiça não deixa*

*Fia, fia minha rodinha  
Vamos fiar este algodão  
Para poupar a preguiça  
Da Dona do mutirão*

(Eva D. C., 78 anos, informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010 )

Com essa cantiga, narrada por uma moradora ao lembrar saudosamente os mutirões dos velhos tempos, Rancharia vai se deixando conhecer. Dos primeiros moradores aos atuais, uma história se fez. Uma trajetória de parentesco, de vizinhança e de amizades. As vivências cotidianas com o ambiente e seus lugares. As pequenas áreas de Cerrado preservadas. A criação de gado e a ordenha matinal. Os quintais coloridos por flores, frutos e pimentas e os pequenos roçados marcaram vidas, emoções e representações. As relações com o lugar têm sido construídas cotidianamente num espaço cheio de significações, de experiência de vidas, de valores e de relacionamentos com o outro.

Assim, nesse capítulo, a proposta é conhecer Rancharia e seus aspectos sociais, econômicos, naturais e de tradições; as relações estabelecidas entre os moradores e o ambiente ao longo do tempo; as manifestações culturais, as histórias de vida e o sentimento de

pertencimento ao lugar. Para, posteriormente, compreender as representações e os significados que o ambiente tem para esses moradores.

## **2.1 Lugar:** onde a vida se desenvolve cotidianamente

Os lugares normalmente não são dotados de limites reconhecíveis concretamente, ao contrário das regiões delimitadas para fins de planejamento, plenamente identificadas em mapas e cartas topográficas. Sua delimitação envolve a percepção das experiências vividas cotidianamente no lar, com a vizinhança e com o ambiente. Quando o ser humano reconhece o lugar e se sente parte dele, sente-se seguro e abrigado e, quanto mais profundamente a pessoa se sentir inserida, mais forte será sua identidade com o lugar. Alguns autores como Tuan (1983), Carlos (2006) e Castello (2007), nos auxiliam na compreensão do significado e do conceito de lugar.

Para Tuan (1983), as pessoas convivem em um espaço e, ao longo do tempo, pelas experiências, vão criando laços de afeto transformando-o em lugar; o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores, já os lugares são centros aos quais atribuímos valores e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.

O autor supracitado acrescenta ainda que a experiência implica a capacidade de apreender a partir da vivência e isso leva tempo. Uma criança de até dois anos está aprendendo a conhecer o espaço e não será capaz de agregar a ele valores para defini-lo enquanto lugar. Para o adulto, o lugar pode adquirir profundo significado, através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos nele vividos. Por isso nessa pesquisa foram priorizadas as narrativas das pessoas que viveram por mais tempo cronológico na Rancharia, vivenciando experiências com o lugar.

O conceito e o significado de lugar têm sido discutidos ao longo do tempo por várias áreas do conhecimento. Na atualidade tornou-se uma importante categoria de análise de diversas pesquisas na área das Ciências Humanas, no intuito de entender as relações subjetivas que se estabelecem nele. No campo da Geografia Humanística, o conceito de lugar tem se consolidado a partir da década de 1970, principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

Devido à complexidade para definir o conceito de lugar, será necessário um enfoque transdisciplinar, em que “a construção conceitual evolua de uma conjunção de partes voltadas a construir um todo novo e mais complexo” (CASTELLO, 2007, p. 37). O autor ressalta ainda que a análise científica de um lugar, como uma simples coleção de fatos objetivos não parece suficiente para trazer à tona toda a profundidade contida nas experiências subjetivas vividas pelas pessoas que usam esse lugar. E, baseado em Relph (1976), apresenta graus de interioridade que uma pessoa experimenta com relação ao lugar, conforme descrito no quadro 3 abaixo:

<b>Tipo de Identificação</b>	<b>Características</b>
Interioridade existencial	É o envolvimento mais profundo com o lugar. A pessoa se sente em casa, o lugar é experienciado cotidianamente.
Exterioridade existencial	A pessoa se sente fora do lugar. Não há envolvimento, o lugar dá a sensação de alienação, de estranheza.
Exterioridade objetiva	Envolve certo distanciamento. O lugar é como um objeto a ser estudado e pesquisado cientificamente.
Exterioridade incidental	Envolve a situação em que o lugar é apenas um pano de fundo, como quando a pessoa se encaminha a outro destino.
Interioridade comportamental	Quando se espera a ocorrência deliberada de um lugar, há um conjunto de elementos, vistas, marcos, que compõem um lugar novo.
Interioridade empática	Quando uma pessoa de fora mostra empatia com aquilo que o lugar registra como expressão dos que o criaram e nele vivem.
Interioridade secundária	Sensação de experiência indireta, a pessoa é transportada para o lugar via imagem, pintura, filme, mídia de massa.

**Quadro 3** - Tipos de identificação da interiorização humana com o lugar, segundo Relph (1976). Org.: Dartora, V./2010. Fonte: Adaptado de CASTELLO (2007, p. 71).

Das tipologias anteriormente elencadas, a interioridade existencial é a melhor apresentada pelos moradores de Rancharia. O lugar é representado a partir de experiências e significados que ultrapassam a simples interação adaptativa do indivíduo no ambiente. Nele, as práticas cotidianas são carregadas de afetividade, de valores e de segurança. O lugar é a “base da reprodução da vida; é onde as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais; é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido por meio do corpo” (CARLOS, 1996, p. 20).

A autora supracitada lembra ainda que uma metrópole não pode ser definida ou sentida como um lugar, porque este pressupõe relações sociais de pertencimento e conhecer todos os cantos e ações que acontecem neles. As pessoas são conhecidas e reconhecidas e não meros prestadores de serviços e/ou viajantes. E acrescenta:

[...] a metrópole não é “lugar”, ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida, reconhecido em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade habitante-habitante, habitante-lugar. (CARLOS, 1996, p. 21).

Rancharia, por sua vez, pode ser considerada um lugar, pois nela as relações anteriormente descritas se concretizam nas ações cotidianas, onde são partilhados os afetos, o respeito aos mais velhos e as experiências de vida, produzindo uma multiplicidade de sentidos a partir do dia a dia.

Sobre o cotidiano, são fundamentais as palavras de Heller (2008, p. 31). Para ela, no cotidiano as pessoas colocam em funcionamento todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, é onde ocorre a organização do trabalho, o lazer e o descanso, a espontaneidade, a presença forte da fé e da confiança.

Enquanto construção social, o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo e os processos de apropriação do espaço. O lugar é produto das relações humanas com o meio, que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de redes de significados que são tecidas pela história e pela cultura, produzindo a identidade. O sujeito pertence ao lugar, assim como este a ele (CARLOS, 1996).

Assim, Rancharia foi se mostrando como um lugar de vivências, de experiências e significados enraizados no cotidiano e na memória dos moradores. Ao longo dos anos uma história foi sendo construída a várias mãos, como será possível constatar a seguir.

## **2.2 Um lugar chamado Rancharia**

Rancharia faz parte do município de Campo Alegre de Goiás (GO), cuja história inicia em uma estrada construída nos muitos anos de idas e vindas de São Paulo às Minas

(XVII) que adentrou o sertão de Goiás no século XVIII, em busca das riquezas minerais. Conhecida popularmente como “Estrada Real”, conduziu expedições foadas por paulistas e mestiços de portugueses com indígenas, que tinham o conhecimento milenar dos caminhos dos nativos e das suas técnicas de sobrevivência nos sertões. Neste sertão, anos mais tarde, possivelmente após a decadência do ciclo da mineração, essa estrada e suas ramificações passaram a ser usadas também pelos tropeiros. Em uma determinada posição, a estrada principal se bifurcava, indo para os atuais municípios de Catalão (GO) e Ipameri (GO). Os tropeiros que vinham do Arraial dos Couros, hoje município de Formosa (GO), Mestre D'Armas atualmente Planaltina (GO), Cavalcante (GO), Posse (GO) e Paracatu (MG), ou porque tinham que dividir a comitiva ou porque necessitavam permanecer à espera das caravanas que retornavam de viagem, escolheram essa posição privilegiada do caminho para estabelecer um ponto de pouso que, aos poucos, foi-se povoando. Este pouso dos tropeiros e carreiros originou o povoado de Calaça que, em 1833, já fazia parte do território e da política do município de Catalão (GO). Em 1870 o povoado de Calaça passou para a jurisdição política e administrativa de Ipameri (GO), se desmembrando de Catalão (GO). Tornou-se distrito em 1901 e recebeu o nome de Campo Alegre. Em 1953, com a denominação de Campo Alegre de Goiás (GO), o município foi emancipado e desmembrado de Ipameri (GO)<sup>4</sup>.

No início do século XX, a estrada de ferro vinda do Triângulo Mineiro impulsionou a colonização, a urbanização e a economia do Sudeste Goiano, além de influenciar na cultura local. Na segunda metade do século, na década de 1960, a implantação e pavimentação de rodovias como a BR 050 facilitaram a integração com mercados consumidores, permitiram o escoamento da produção e impulsionaram a economia do Estado, da região e do município de Campo Alegre de Goiás (GO).

Os incentivos e créditos liberados pelo Governo Federal por meio do Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO) e do Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), também contribuíram para a expansão da produção agrícola no município. O PRODECER foi responsável pelo deslocamento de produtores rurais de outros Estados, principalmente do Paraná, para a região central do Brasil e para Campo Alegre de Goiás (GO), por já estarem familiarizados com uma agricultura mecanizada.

---

<sup>4</sup> A história da ocupação e emancipação do município de Campo Alegre de Goiás foi obtida no site do IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 14 jan. 2010.

Segundo Abdala (2010), a mecanização da agricultura modificou hábitos e paisagens. O município se abriu para a produção em grande escala para a exportação ou para a agroindústria e também para o emprego de novas tecnologias e de mão de obra especializada e assalariada. A soja se estendeu como um manto verde, cobrindo a paisagem das chapadas. As atividades tradicionais como a pecuária bovina leiteira e de corte, a criação de porcos e galinhas caipiras, a produção de milho para o abastecimento da propriedade e o cultivo de mandioca, de cana-de-açúcar e de algodão, acompanharam as pequenas propriedades que se mantiveram presentes nas áreas mais íngremes do Cerrado, sobretudo, em encostas de rios. Esse cenário econômico do município se estende até os dias de hoje.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados preliminares do censo 2010, a população de Campo Alegre de Goiás (GO) é de 5.872 habitantes<sup>5</sup>. Destes, em torno de 63% residem na cidade e 37% na área rural do município.

As terras que incluem Rancharia, de acordo com os registros paroquiais<sup>6</sup>, no século XIX, pertenciam à família Gonçalves Pacheco. A fazenda tinha como confrontantes a leste o rio São Marcos, a oeste a fazenda Paulista, ao norte a fazenda Calaça e ao sul a fazenda Pirapitinga. A ocupação de Rancharia iniciou por volta da primeira década do século XX, quando lá chegaram às famílias Pereira da Silva e Felipe da Silva.

A família Pereira da Silva, proveniente do município de Catalão (GO), teve nove filhos, que cresceram, casaram e construíram suas moradias na fazenda. Descendentes dessa família, que residem em Rancharia, relatam com emoção e saudades histórias de vida de seus antepassados.

Quando meus bisavós chegaram, essa região era um grande sertão povoado por índios. Meu bisavô foi roçando o Cerrado para formar roças de milho, feijão e arroz, e os índios foram sendo empurrados para os locais de mata fechada. Para os índios não saquearem a lavoura de milho, no período da colheita meu bisavô matava um capado (suíno), limpava ele e o deixava perto da mata, os índios o recebiam como uma oferta de amizade e, em troca, colhiam milho somente no local definido pelo meu bisavô. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/GO2010.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2010.

<sup>6</sup> A partir de 1850, o governo exigiu o registro de todas as propriedades rurais. Na região de estudos, esses registros foram inicialmente realizados pela Igreja Católica, daí o nome de registro paroquial. As informações foram obtidas na Procuradoria Geral do Estado de Goiás, no Livro 19, REGISTRO PAROQUIAL – CATALÃO, de 1º de outubro de 1856 a 8 de junho de 1860. Contribuição dada à pesquisa pela Historiadora e Arqueóloga Margareth de Lourdes Souza.

Aqui era Cerrado fechado, tinha muita mata e índios. Meus avós, pais, tios e eu trabalhamos muito. Fazíamos as roças a mãos. Derrubava a mata, queimava e plantava de enxadão. Os tocos apodreciam e depois eram arrancados com o enxadão. Depois vieram as capinadeiras puxadas a bois. Os índios foram embora para outros lugares. Minha avó materna era índia, foi pega no laço. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

A família Felipe da Silva, segundo um de seus netos, atualmente com 94 anos, veio de Paracatu (MG) para trabalhar nas fazendas da região e se instalou como posseira, entre os Córregos Margarida e Jerônimo, próximo ao rio São Marcos. No local, havia e permanece até hoje o Porto Pacheco, uma travessia no rio São Marcos que inicialmente era feita por canoas e atualmente por balsa. O porto leva o nome da família Pacheco, proprietária da primeira fazenda que abrangia as terras desse lugar.

O casal teve dois filhos, José Felipe da Silva e João Felipe da Silva, que cresceram, casaram e tiveram seis e quinze filhos, respectivamente. Estes por sua vez, também formaram família e ficaram residindo em Rancharia, assim como os filhos da família Pereira da Silva. Por isso, na década de 1960, Rancharia apresentou sua maior densidade demográfica, aproximadamente, 100 famílias, conforme narrativa abaixo:

mais ou menos em 1960, aqui tinha muitas famílias, muitas casas, em torno de 100 famílias. Os mutirões reuniam até 102 homens para bater pasto e 50 mulheres para fiar. Era muita gente trabalhadora. Cheguei a juntar três caminhões de arroz produzido nos roçados em uma só safra. O povo antigamente era mais trabalhador, mas era muito pobre, dava uma quarta de arroz para trabalhar um dia. Trabalhava o dia inteirinho para ganhar um quilo de tocinho. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Sebastião conta ainda que os antigos moradores passavam muitas dificuldades; “minha avó começou a vida com uma cabaça de milho”; “O Joaquim conseguiu uma fazendinha com uma galinha que minha avó deu pra ele, madrinha dele. Era um velho trabalhador”, e complementa:

o povo era pobre demais antigamente, o povo era rico porque tinha terra demais, mas era pobre, hoje o povo tem vida boa. Eu sofri demais quando era pequeno, levantava de madrugada e puxava cana para fazer rapadura. Povo fazia farinha, plantava mandioca. Minha família criava gado e porcos e tinha umas 80 éguas. Tocava a roça capinando, ia pra roça, plantava arroz, feijão, cana-de-açúcar, mandioca e milho, tudo cavado na enxada. Fazia farinha e polvilho e vendia. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

As dificuldades enfrentadas pelos antigos moradores são relatadas também por Dona Eva, que destaca a ambição que hoje as pessoas ostentam, a pobreza que as famílias enfrentavam em anos passados e as facilidades encontradas nos dias atuais:

de primeiro não tinha essa ambição por dinheiro. Não usava de vender queijo. Quem fazia, costumava presentear os vizinhos. Tinha muita gente pobre, pobre de coitadinhos, de passar fome. Hoje não existe, graças a Deus, gente necessitada. Morava nos ranchinhos, não tinha aposentadoria. Hoje o povo tá rico, não passa fome, tem roupa, aposentadoria, cesta básica. De primeiro, trabalhava o dia inteirinho para comprar um quilo de toicinho, um quilo de rapadura, se você queria comprar uma coisa tinha que trocar por outra, dinheiro era muito difícil. Hoje qualquer criança tem dinheiro. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Da década de 1970 a 2002, várias famílias foram morar nas cidades da região ou em outras localidades rurais. “Morria um pai de família, os filhos se descorçoavam e vendiam as terras”, relata Sebastião. Dados da Secretaria Municipal de Saúde, contidos nos formulários do Agente Comunitário de Saúde, apontam em 2007 a presença de 32 famílias residentes na comunidade de Rancharia. Com a construção da usina hidrelétrica Serra do Facão e o processo de indenização e remanejamento das famílias residentes em áreas que foram alagadas, hoje permanecem residindo em torno de 20 famílias, sendo que esse número sofre alteração conforme a rotatividade de funcionários nas pequenas fazendas.

Durante as entrevistas foram registradas várias histórias de vida dos antigos moradores que, com seu empenho, amizade e solidariedade, construíram a comunidade de Rancharia e deixaram para seus descendentes valores e significados que marcaram suas vivências cotidianas, como as relatadas a seguir.

João Felipe da Silva foi canoeiro e, posteriormente, balseiro no Porto Pacheco, onde primeiramente uma canoa, depois uma balsa suspensa por cabos de aço e puxada manualmente, fazia a travessia pelas águas correntes do rio São Marcos. Hoje um lago de águas lânticas ocupa a paisagem do antigo porto e a balsa, agora movida a motor, mantém a travessia de veículos e pessoas, de histórias e amizades e de relações comerciais.

José Felipe da Silva foi viajante de carro de boi. Nas suas idas e vindas de Paracatu (MG) e Formosa (GO) levava porcos e rapadura e trazia diversos mantimentos. Filhos desses dois irmãos casaram entre primos e também com descendentes da família Pereira da Silva, fortalecendo os laços de consangüinidade e parentesco entre os moradores. Casamentos entre parentes dessas famílias ocorreram também nas gerações seguintes. Hoje residem na Rancharia descendentes da segunda a quinta geração destas famílias.

Adelino Inácio de Mattos, conhecido como Piróca, foi um homem habilidoso na arte de fabricar rapaduras. “Fazia rapadura como ninguém” relata Maria Aparecida. Os vizinhos levavam canas-de-açúcar para ele produzir rapaduras que eram comercializadas.

Emiliano Pereira da Silva demonstrava constante preocupação com a coletividade. Doou uma área de terra para construção da primeira escola em Rancharia e idealizava construir um centro comunitário. Atualmente seus filhos, junto com os demais moradores, por meio da Associação de Agricultores de Rancharia, buscam efetivar o projeto do centro comunitário.

Abel Pereira da Silva foi um habilidoso catireiro e possuía vários carros-de-bois. Viajava constantemente para Formosa (GO) para comprar sal. Fazia catira, principalmente de gado e de porcos criados pelos moradores de Rancharia e de fazendas próximas. Os porcos eram tocados em tropas até a cidade de Catalão (GO) a aproximadamente 100 quilômetros, onde eram comercializados. A habilidade e a dedicação à catira<sup>7</sup> foram passadas de pai para filho.

Mulheres como dona Mariinha, Jerônima e Eva<sup>8</sup> foram habilidosas parteiras. Detinham a sabedoria dos benzimentos. Realizavam batizados e rezas e organizavam e vivenciavam mutirões para fiar. Nas noites de festas e encontros cozinhavam saborosos pratos típicos.

Os colaboradores contam ainda que os filhos casavam e construía suas casas nos “cantos” da fazenda do pai. As casas eram de pau-a-pique e/ou de pau roliço, ranchos cobertos de sapé, ou de algum outro tipo de palha, fechadas de madeiras. O chão de terra era coberto por uma fina e lisa camada de argila amarelada, comum nos córregos da região. Por volta da década 1950, os proprietários com maior quantidade de terras e maior produtividade, começaram a construir casas de adobe (Foto 11) e alvenaria (Foto 12), mas isso era 10% das moradias, o restante eram ranchos de pau-a-pique. Por causa desses ranchos, a localidade recebeu o nome de Rancharia.

---

<sup>7</sup> Catira é a denominação dada à forma utilizada para negociar (comprar e vender) os produtos. Essa prática ainda é usualmente vivenciada por alguns moradores de Rancharia.

<sup>8</sup> Eva foi parteira na comunidade rural de Anta Gorda, onde morava antes de residir em Rancharia. Jerônima reside atualmente no distrito de Pires Belo, município de Catalão (GO) e, Mariinha faleceu.



**Foto 11** - Antiga casa de adobe, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO).  
Autora: Dartora, V. mar./2008. Fonte: Trabalho de Campo.



**Foto 12** - Atual residência de alvenaria, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO).  
Autora: Dartora, V. jul./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

Os fazendeiros costumavam ainda permitirem que outras famílias construíssem suas casas na propriedade. Essas pessoas geralmente trabalham de diarista na fazenda e ou para os fazendeiros vizinhos, como narra Maria Aparecida:

quando eu vim, em cada fazenda moravam dois agregados, nem era bem agregados, doavam para as pessoas morarem, sem salário, sem nada, só para as pessoas morarem e trabalharem para quem quisessem. (MARIA, A. P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

As atuais residências mantêm um equilíbrio entre o novo e o antigo. As janelas e portas de pau roliço deram lugar às de metal ou de madeira; o telhado de folhas de buriti às telhas de barro; o adobe, utilizado posteriormente nas construções, aos tijolos queimados, empregado nos edifícios mais recentes. A cozinha, geralmente construída em um plano mais rebaixado que os demais cômodos e/ou em anexo ao corpo da casa, abrigam elementos tradicionais, como o filtro de barro usado para filtrar água, o fogão caipira (Foto 13) e a prateleira com as panelas brilhantemente ariadas (Foto 14). Nos quintais a presença de diversificados pomares com pés de café e algodão e a singelas hortas com coloridas pimentas harmonizam o ambiente, que tempos passados abrigava ainda artesanais monjolos, fornos e fornalhas, regos de águas naturais e exuberantes mangueiras.



**Foto 13** - Fogão caipira na residência de Divina D. C., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

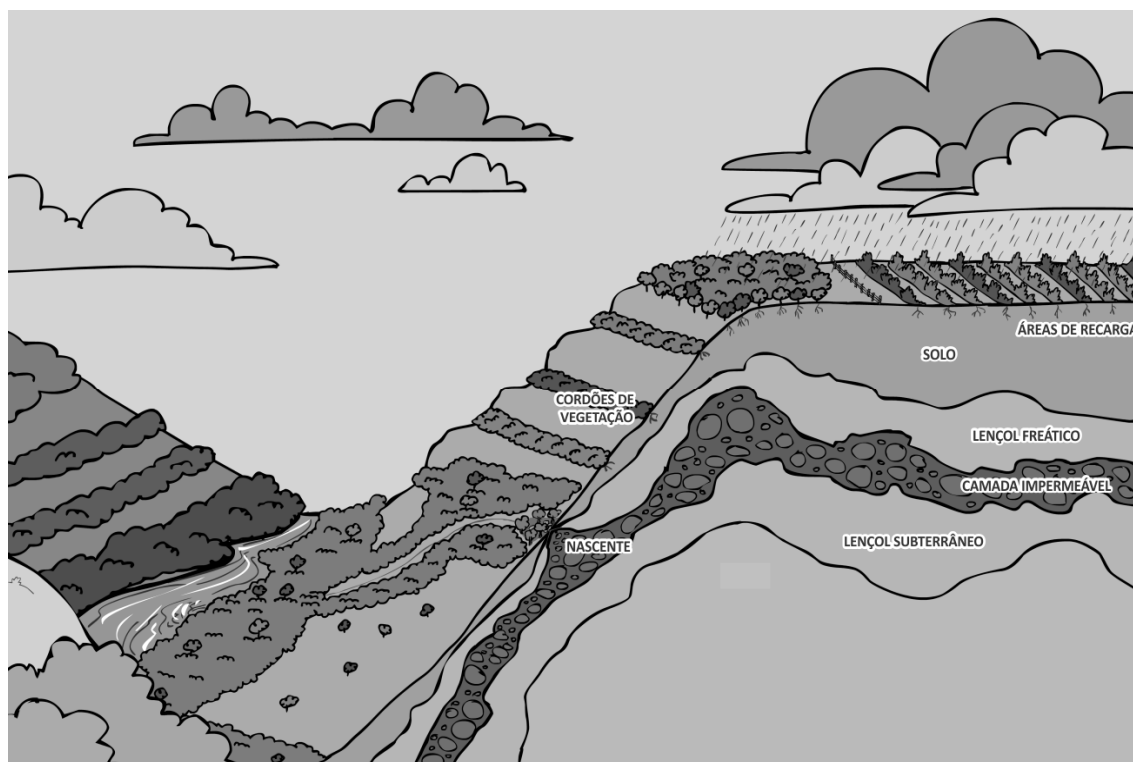


**Foto 14** - Prateleira utilizada para acondicionar as panelas, residência de Divina D. C., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

As antigas residências geralmente eram construídas em áreas mais baixas das fazendas, próximo aos córregos ou rios, onde os terrenos planos e os solos férteis das várzeas facilitavam o cultivo dos quintais e roçados. A disponibilidade de água, abundante nos corpos hídricos e ou a facilidade de buscar a água nas nascentes localizadas nas encostas dos morros, facilitava a vida e os fazeres cotidianos das famílias. Ainda hoje, nas residências que estão localizadas nas partes baixas, a água é captada por meio da força da gravidade em função da declividade da topografia. Uma mangueira instalada na nascente facilita o transporte da água.

Coelho (2010), em seus estudos sobre a arquitetura colonial do vale do rio São Marcos, destaca igualmente que a casa rural geralmente se encontra em uma meia encosta, com a fachada principal voltada para o aclave, aproveitando o declive para a instalação do setor de serviços, para onde é desviado, por força de gravidade, um rego d'água, de algum manancial de pequeno porte situado nas proximidades. Convém observar que a presença de um córrego é exigência fundamental e determinante na escolha do local para construção da casa. Essa água desviada e trazida para junto do novo edifício tem a função de abastecer os serviços internos da residência, do engenho e do monjolo, além de fornecer água para os locais de criação e engorda de pequenos animais, como porcos e galinhas.

Sobre as nascentes, cabe ressaltar que as águas das chuvas infiltram no solo nas áreas de recargas, ou seja, em locais planos em topos de morros e chapadas, onde os solos são profundos e permeáveis. Atingem o lençol freático e posteriormente ressurgem em pontos mais baixos na forma de nascentes, como mostra a figura 3, abaixo.



**Figura 3** - Colheita das chuvas e surgimento das nascentes. Ilustração: Barbosa, I. V./2010.

Atualmente das 26 residências existentes em Rancharia, 10 estão localizadas nas áreas mais baixa das fazendas e as demais estão em áreas mais altas e planas, sendo que destas, dez foram remanejadas devido a formação do reservatório da usina hidrelétrica Serra do Facão (Fotos 15, 16 e 17). As residências em áreas mais altas são abastecidas de água proveniente de poços semiartesianos.



**Foto 15** - Residência de Divina D. C., localizada em área baixa da fazenda, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de Campo.



**Foto 16** - Residência de Alzelina V. D. da S., remanejada para área alta da fazenda, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. set./2010. Fonte: Trabalho de Campo.



**Foto 17** - Casa com características coloniais, propriedade de Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de Campo.

As atuais moradias mantêm a mesma dispersão do início da ocupação quando eram construídas nas propriedades rurais, distantes umas das outras, em média, de um a cinco quilômetros. Não havia e não há em Rancharia aglomerados de casas formando vilas.

### **2.2.1 As relações sociais e de tradição**

Em Rancharia, também não há, e nem houve em tempos passados, estruturas comunitárias como igreja, centro de eventos, campo de futebol e ou cemitério comunitário. No passado os mortos eram enterrados nas fazendas, em pequenos cemitérios familiares. Atualmente são levadas para o cemitério da cidade de Campo Alegre de Goiás (GO). As rezas e as festas religiosas, de casamento e de aniversário, sempre foram realizadas nas casas, acompanhadas por comidas típicas e alegres forrós, conforme narrativas a seguir:

nos casamentos juntava aquele mundaréu de cavaleiro, até 100 cavaleiros, e ia lá em Campo Alegre (cidade), casava e vinha, o povo todo esperava, com

foguete, aquele mundaréu de gente. Tinha janta com arroz, feijão, carne e mandioca. Quando era meia noite servia o doce com biscoito. Enchia aquela mesona, era bom de mais. Fazia a festa na casa do noivo, armava um toldo de ramos e dançava no chão, levantava um poeirão que só. Os cílios ficavam pesados de tanta poeira. Era bom. Tinha as festas de São Sebastião, Santo Reis, casamentos. Não tinha igreja na comunidade, as festas eram nas casas. Dançava catira de pretaca a noite toda. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Nas festas o povo bebia café, quentão, cantava, assava batata, fazia pipoca. Fazia precata (chinelos) de couro de gado, e dançava forró de precata e facão na cintura a noite toda. Tocava violão, sanfoneiro pé-de-bode (sanfona de oito baixos). Dançava desde o sol se entrando até no outro dia o sol alto. Matava vaca, frango e fazia aquele jantão à noite. Era bom demais. Quando o sol batia a gente dizia que era arranca couro (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

As festas eram realizadas em hora a São João e a Nossa Senhora da Abadia e nos dias que eram organizados mutirões, como relatam os colaboradores a seguir:

Quando tinham os mutirões normalmente a noite tinha festa, um baile, onde reuniam os que prestavam os serviços, mais a família e confraternizavam. Fora isso tinha as festas juninas de São João e Nossa Senhora da Abadia, que aconteciam todos os anos, um morador fazia a festa de ramos, e passava o ramo para o festeiro do ano seguinte. Quem se interessava já antecipava a vontade de ser festeiro, se ninguém tivesse pedido, no dia da festa escolhia cinco festeiros e sorteava. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Faziam festas de casamento, de Nossa Senhora da Abadia em julho e nos mutirões que reunia 100 homens para bater pasto e, mais ou menos, 50 mulheres para fiar. À noite, matava uma vaca e fazia aquela festa. O povo bebia muito, por isso, em muitas festas tinha briga, acontecia até mortes. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Tanto nas festas religiosas como nas confraternizações dos mutirões, os participantes matavam porcos, gado, galinha caipira e preparavam saborosos pratos típicos, como galinhadas e macarronadas, como relata Dona Jerônima:

fazia mutirão pra fiar, as mulheres pra fiar... os homem pra bate pasto, capinã ou bate palha... à noite era aquele bailão... aquele forrozão... era bom, menina. Tinha os tocadores todos bons... Fazia aqueles tachadão de frango... frango com macarrão... aquele macarrãozão grosso... fazia o macarrão em casa... cozinhava frango e punha o macarrão... fazia carne de porco, fazia outros frangos sozinhos e carne de vaca... todo dia tinha novena... dava vinho, café... no dia da festa nós matava trem demais... Tinha vez que tinha

briga demais, tinha briga de socar debaixo da cama. (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Durante os mutirões os homens cantavam canções sertanejas de raiz. Dentre os participantes sempre havia um que tocava sanfona para deixar o mutirão ainda mais animado. As mulheres, além das músicas sertanejas de raiz, cantavam cantigas próprias como as que abrem cada capítulo dessa pesquisa.

Ainda segundo os colaboradores, a última festa realizada em Rancharia foi em julho de 2004, em honra a São João. Por ter duração de nove dias, era também chamada de novena. Nos dias que antecediam a festa, os moradores se reuniam na residência da família festeira para montar o toldo de lona, chamado por eles de “torda”. A família festeira, responsável pela elaboração e coordenação da festa, era escolhida no ano anterior e divulgada no último dia da novena. O mesmo ocorria para a escolha dos festeiros do ano seguinte. Dentre as atribuições do festeiro, estava a de escolher as juízas e os juízes das prendas ou bandejadas a serem leiloadas. Às mulheres (juízas) solicitava a preparação e a doação de uma bandeja de alimento – a prenda – que era preparada com frango assado ou lombo de porco, cuidadosamente decorada. Para cada juíza e sua prenda havia um juiz responsável por dar o primeiro lance e manter os maiores valores até arrematar a prenda. Para o leilão ser mais divertido e disputado, o festeiro escolhia as moças que despertavam interesse por parte de um ou mais rapazes, colocando um deles como juiz, assim os demais disputariam a prenda com ele. Ganhá-la era uma questão de honra e uma forma de os rapazes mostrarem suas qualidades para as moças. Ainda sobre as festas, Dona Jerônima relata, entre risos de alegria e suspiros de saudades:

Rancharia era bonita demais. Tinha muita festa. Ixii... mas tinha uma festa boa... nove dias de festa. Eu e o Dario sambava a noite toda. Nove dia... que bom né filha... Era de Nossa Senhora da Abadia, nove dias na roça, nós passava brejo... eu com menino pequeno nos braços e nós ia mesmo... é bom quando a gente é novo, né menina. Agora não aguento mais, de jeito nenhum... (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Nos nove dias de festa, a programação obedecia a um ritual. Ao entardecer era rezado o terço. Em seguida acontecia o leilão das prendas e, por fim, o forró. Nos primeiros anos de festas o terço era cantado, já nos últimos, rezado. No último dia da novena, durante a reza do terço era realizada a procissão iluminada por velas e posteriormente acesa a fogueira. Nas primeiras festas o forró era animado por gaiteiros da região, já nas últimas foram

contratadas bandas musicais. Os moradores dançavam forró no chão de terra batida e “erguia uma poeira só”, conta Dona Eva.

As mulheres entrevistadas lembram que antigamente as pessoas não tinham calçados, então faziam chinelos com couro de gado, chamados de precatas. Quando conseguiram comprar sapatos, engraxavam-os com manteiga e carvão para usá-los em dias de festas, deixando-os com aparência de novo, como mostra o trecho da narrativa abaixo:

não tinha calçado... aí fazia precata com couro de gado, fazia, torcia o rabicho de modo nós calçar... pra ir pra festa, se não tinha sapato novo, encerava... passava manteiga com carvão... o carvão tingia e o sapato ficava novinho... e a gente ia... e pregava a ripa mesmo... dançava a noite toda, era bom demais. (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Maria Aparecida relata ainda que as primeiras festas eram iluminadas por candeias, ou seja, um recipiente semelhante a uma chaleira, que continha um pavio mergulhado em óleo de mamona, produzidos pelas famílias. Depois vieram as lamparinas com pavio mergulhado no óleo diesel e ou no querosene. Essa forma de iluminação era também a que havia nas residências. Somente nas últimas festas é que se desfrutou da energia elétrica. Na década de 1980 algumas famílias passaram a ter energia elétrica em suas casas. Porém, somente a partir de 2000, com o projeto Luz para Todos do Governo Federal é que a energia elétrica chegou a todas as residências de Rancharia.

Depois de 2004 não foram organizadas festas em Rancharia, todavia as rezas foram mantidas, sendo realizadas mensalmente nas casas. Todo mês é celebrada uma missa em uma das residências. Periodicamente são realizados encontros de família e a reza do terço. À exceção da família que frequenta a igreja evangélica, as demais participam da religião católica.

São frequentes ainda as visitas aos vizinhos, a pesca, o jogo de truco realizado semanalmente pelos homens e esporádicos mutirões para roçar as pastagens. Em tempos passados, os mutirões eram frequentemente organizados para ajudar os vizinhos na limpeza das pastagens e dos córregos d'água e para fiar. Como os mutirões eram organizados de surpresa, eram também chamados de “treição” ou traição. Com demonstrações de alegria e saudade, Dona Eva conta como aconteciam as “treições”:

a *treição* que eles davam nos homens, juntava até 50 peões, vinha madrugada, o dono não sabia não, ninguém contava, era segredo, hoje se você fala em dar uma *treição* em um, já sai só contando, vizinho de porta

não contava, fazia aquela *treição*, o bicho tava lá bem dormindo, pulava pela janela, tirava ele da cama... “o meu Deus, estão me matando”, não, vamos bater pasto, cantava, carregava ele, soltava lá em riba, tirava a roupa dele, fazia toda que é bagunça, era bom demais, tudo era alegria.

... Osvalda vamos arrumar e dar uma *treição* na Luzia do Gerônimo vamos fiar umas cobertas pra ela. Aí nós nos juntamos e fomos de madrugada. Chegamos lá, eu já fui jogando as portas que era de pau a pique, tudo no chão...compadre Gerônimo foi logo gritando: o que tá acontecendo? Não é nada, pode ficar quieto no seu canto. Pegamos esta Luzia e carregamos pro terreiro, ela deu uma tremura: “o que vocês vão fazer comigo”? Deixa de ser boba, vamos fiar pra você. E nós fiamos e cantamos o dia todo. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Outras tradições familiares, como a fabricação de doces caseiros (Foto 18) e a arte do tear (Foto 19), são mantidas pelos moradores de Rancharia. Nos teares são tecidos fios de cores e memórias de antigas cantigas dos alegres mutirões de outros tempos.



**Foto 18** - Doce de figo em calda, comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO).  
Autora: Segreto, M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 19** - Tear da artesã Divina D. C., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás  
Autora: Segreto, M. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

Em 2009, as famílias sentiram a necessidade de revitalizar e unir ainda mais os moradores, formando a Associação dos Agricultores de Rancharia que, dentre outras ações, está buscando a construção do centro comunitário, a coleta do lixo seco e a melhoria da produção econômica por meio de cursos e práticas agroecológicas como a homeopatia e cultivo de hortaliças e frutíferas. Os moradores entendem que a melhoria das relações comunitárias, bem como, das atividades de lazer e dos serviços públicos como educação, saúde, infraestrutura, transporte e assistência técnica à produção agropecuária, oferecidos às famílias, dependem do engajamento, da participação e da organização coletiva, e a Associação é um passo para alcançar essa melhoria.

Com a ajuda dos colaboradores dessa pesquisa vamos conhecer como as famílias tiveram acesso à educação e ao atendimento à saúde ao longo da história de Rancharia.

## 2.2.2 O ensino formal e o atendimento à saúde

Por volta de 1955, os fazendeiros contratavam professores de Paracatu (MG) para lecionarem para seus filhos e aos filhos dos vizinhos e parentes. As aulas eram ministradas na casa do fazendeiro que contratava o professor. “Papai arranjava professora para dar aula em casa. Os professores vinham de Paracatu [...]. Depois teve escola”, conta Sebastião.

Na década de 1960 foi inaugurada em Rancharia a primeira escola, denominada Escola Municipal Santo Amaro. Construída em uma área de 8.000m<sup>2</sup> doada à Prefeitura de Campo Alegre de Goiás (GO) pela família do Sr. Emiliano Pereira da Silva, a escola contava com duas amplas salas de aula, uma cozinha, uma sala da direção, uma arejada varanda e um banheiro que ficava do lado externo do prédio. Em 1990, a escola (Foto 20) foi reformada e passou a contar com uma única sala de aula, mantendo as demais dependências.



**Foto 20** - Prédio da Escola Municipal Santo Amaro, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Darora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

Ainda na década de 1990, com o aumento da demanda de crianças em idade escolar, foi inaugurada também a Escola Municipal Santa Teresinha, construída na fazenda da família Felipe da Silva. As crianças iam à escola a pé e ou a cavalo. Não havia transporte

público escolar. Com a diminuição de famílias residentes em Rancharia e, conseqüentemente, de crianças em idade escolar, a prefeitura desativou, em 2001, a Escola Municipal Santa Teresinha e, em 2007, a Escola Municipal Santo Amaro, passando, desde então, a oferecer transporte escolar para levar os estudantes até as escolas localizadas na sede do município, o que acontece até os dias de hoje.

Os colaboradores estudaram ou tiveram seus filhos alfabetizados nessas duas escolas. Por isso, ao falarem sobre elas, a memória é revisitada, ressurgindo na lembrança as brincadeiras, os colegas, as professoras ou professores e os saberes adquiridos. Na narrativa abaixo, a colaboradora aponta algumas reflexões sobre o ensino oferecido nas escolas rurais e o conhecimento advindo das vivências cotidianas com o lugar.

A escola veio pra a roça há uns 20 anos, agora parou na roça e levou tudo para a cidade. Era melhor quando a escola era em casa, ficava junto com os filhos, corrigia, sabia o que estava acontecendo. Os filhos conheciam as árvores, os animais, agora os netos uns sabem outros não, passou para a cidade, acabou. Os que passam as férias na roça conhecem. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

O trecho da narrativa acima nos remete ainda à influência que o urbano exerce sobre a aprendizagem. Por um lado a escola é vista como uma porta para os jovens saírem do campo, na expectativa que na cidade terão mais oportunidade de emprego e condições econômicas melhores. Por outro, esta pode ser também uma porta para o distanciamento dos valores enraizados a partir das vivências com o outro, das relações cotidianas com ambiente e seus lugares, como expressa Alcides:

existe uma influência da cidade no campo [...], os jovens querem buscar algo mais. Ninguém está treinando os filhos para morarem na propriedade rural... eu mesmo estudei meus filhos para ter uma vida melhor lá fora, meu pai também tentou isso, acreditando que na cidade vai ser melhor do que aqui, o que nem sempre é. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Pelos relatos dos colaboradores, os moradores de Rancharia não tiveram dificuldades no acesso à educação. Já em relação ao atendimento à saúde, não se pode dizer o mesmo. Até 1950, as famílias buscavam atendimento médico nas cidades de Uberaba e Araguari, ambas no Estado de Minas Gerais. O deslocamento era feito a cavalo, numa viagem que levava dias, uma vez que estas cidades ficam a 200 e 350 quilômetros de distância, respectivamente. Por volta de 1970 os municípios de Catalão e Ipameri, ambos no Estado de

Goiás e a aproximadamente 80 quilômetros de distância de Rancharia, passaram a oferecer médicos e serviços hospitalares. Por volta de 1976, o município de Campo Alegre de Goiás (GO) dispunha de unidade de saúde e médicos para atendimentos às famílias. Nas últimas décadas até os dias de hoje, os moradores contam com a presença de um Agente de Saúde, o sr. Ciloédio Miguel Pires, que visita mensalmente as famílias conforme orientações da Secretaria Municipal de Saúde, orientando as pessoas sobre a importância da prevenção e do monitoramento de doenças. Atendimentos médicos e hospitalares são buscados na cidade de Campo Alegre de Goiás (GO), e quando necessário algum procedimento especializado o paciente é encaminhado para Catalão (GO) e/ou Goiânia (GO).

Nos primeiros tempos, até a década de 1970, as famílias de Rancharia contavam ainda com a ajuda das parteiras, que além de realizarem os partos, preparavam remédios caseiros com ervas medicinais e faziam benzimentos. Dona Jerônima, antiga parteira e benzedeira, fala sobre a amizade com suas amigas parteiras, por quem tem grande admiração e apreço, e as dificuldades que enfrentavam quando atendiam às mulheres em trabalho de parto.

Dona Sinhana era pessoa boa, êeta mulher boa... tinha a comadre Mariinha que era parteira também... êeeh mais era um sereno... você vê uma mulher ruim por sua conta, menina, é triste... uma mulher ruim pra ganhar neném, tá lá gritando, esperneando... aí me acode, me acode, meu pai do céu... (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Lá era só eu e a comadre Mariinha (se referindo às parteiras)..., comadre Mariinha era boa também... boa demais... um trem que eu nunca passei foi ficar com uma mulher pra ganhar neném gêmeos... e a comadre Mariinha ficou com duas...duas mulher... ganho neném e daí pouco veio outro... Nossa Senhora da Aparecida... e nem sabia, achava que era um só... e hoje sabe tudo, faz ultrassom ... sabe tudo, né... e de primeiro não sabia não... não sabia mesmo, de jeito nenhum... (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Dona Jerônima segue contando que na hora do parto, as parteiras se valiam também de rezas, simpatias e preparados caseiros com ervas medicinais, como os chás de feijão andu e baru.

Fazia banho né... eu cozinhava um tal de feijão andú... tinha um tal de baru... cozinhava esses remédios e punha pra ganhá... banhava e bebia... A Lacinha, da comadre Maria não ganhava bebê, aí eu falei... compadre Oscar tem dó leva essa menina... Aí ele falou assim: não, a senhora dá conta, dá conta... a menina tava ruim, do primeiro (bebê) ...minha filha ...aí eu fiz um banho de

feijão andú, tirei um pouquinho, pus um pouquinho de óleo, adocei e dei pra ela... e falei: olha comadre Maria, na hora que ela for fazer cocô, quando for na outra vez... nós tem que carrega ela, se brinca nós tem que carrega... aí ela fez cocô, mas muito mesmo... Ela falou: eu quero ir outra vez... aí vocês pensa bem como é as coisas... aí ela falou: me leva pra dentro tia Jerônima... me leva tia Jerônima... eu e comadre Maria levamos, chegou lá ela ganhou neném... era desse jeito que fazia. (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

As benzedoras detinham ainda a sabedoria passada de geração para geração. Eram mulheres que mantinham a tradição com respeito e fé. Dona Jerônima lembra dos benzimentos feitos para quebrante, mal olhado e picada de cobra.

Eu benzia de quebrante, mal oiado, ofensa de cobra...aí eu larguei, nem sei nada mais não... eu benzia neném de quebrante, e a mulher quando tava mal pra ganhá neném também fazia simpatia... fazia simpatia e num instantinho ela ganhava neném... uai eu fazia uma simpatia assim... com as palavras... era umas palavras que eu falava... (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Relatando parte de sua trajetória de vida, a colaboradora nos remete às vivências e às experiências diárias também de outras mulheres de Rancharia. Nos relatos já descritos, em diversos momentos nos deparamos com demonstrações de coragem, amizade, ajuda mútua e alegria, uma postura de verdadeiras guerreiras do amor. No trecho da narrativa abaixo é explicitada a força e a determinação na hora do parto.

Vou conta pra vocês um caso... sou mãe de 14 filhos, três de sete mês, eles nasceram morto... aí eu sou mãe de 11 filhos... só cinco que as mulheres (parteiras) ficou comigo... tudo eu sozinha... eu ficava escondendo do Dario... e ele falava: você não tá certa não, tá escondendo as coisas de mim... eu tô não, eu tô com uma dor na perna, ruim demais... escondia dele de modo ele não buscá a parteira... um instantinho eu ganhava neném... aquele nenenzão... eu cortava o umbigo... cortava com a tesoura... marrava e mandava o Dario por gás no fogo, e queimava a pontinha pra não esgotá sangue... mas isso é bobagem, né... não precisava queimar nada tatinho...(risos)... não chorava não, de certo não doía não... (JERÔNIMA, C. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010).

Quanto às principais causas de morte em Rancharia, são apontadas as relacionadas a problemas cardíacos provenientes da Doença de Chagas. “Antigamente morria muita gente de coração, é que aqui tinha muito barbeiro”, declara Sebastião. Acidentes de cobras também eram frequentes, alguns deles fatais.

Por fim, é importante dizer que Rancharia não é atendida por transporte público.

Para se deslocarem até as cidades, os moradores utilizam veículos particulares e moto, ou vão a pé ou de carona até a rodovia BR-050, a aproximadamente 15 quilômetros das sedes das fazendas, onde pegam o ônibus. É por esse mesmo caminho que é deslocada a produção agrícola e pecuária da comunidade.

### **2.2.3 A produção econômica e a relação com o meio ambiente**

A base econômica de Rancharia se mantém semelhante ao início de sua ocupação. Localizada em uma topografia onde predominam áreas declivosas com vegetação de Cerrado, dos primeiros aos atuais moradores, são criados gado de leite e corte, porcos e galinhas caipiras. Nos roçados e quintais eram cultivados manualmente milho, feijão, arroz, inhame, batata, cará, cana-de-açúcar e mandioca. Para fazer os roçados eram desmatadas áreas de mata e ou de brejo, conforme relatos abaixo.

Plantava arroz no brejo, drenava a água, forçava e queimava. Porque os brejos tinham uma vantagem que, no lugar seco, de vez em quando o sol bravo matava o arroz, nos brejos era garantido, era mais difícil de trabalhar, pregava mais na hora de capinar, mas era garantido. (PAULO, I. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Naquela época era tudo capoeira, mata, era uma mataiada, aí o povo roçava e fazia roça. Plantava arroz, plantava feijão, plantava milho. Depois veio o engenho tocado a boi, aí fazia rapadura. Naquela época o pessoal comprava rapadura por dia de serviço. Não existia trator. Depois que existiu o carro de boi, o trator. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Aqui era tudo mato, tudo Cerrado, tinha capim Jaraguá e Meloso, não tinha esse negócio de braquiária. Tratava de vaca com cana, capim, milho; jogava no coxo. Fazia creme, a fábrica de creme em Catalão começou em 1950. Pegava a desnatadeira manual e fazia o creme, a cada oito dias passava o caminhão para buscar. O soro a gente dava para os porcos. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Nos trechos das narrativas anteriores é destacada ainda a evolução das técnicas e os equipamentos utilizados no preparo das pastagens e do plantio dos roçados, o uso de ferramentas manuais, seguida pelas movidas a tração animal e as máquinas modernas. A

fabricação caseira de rapadura e creme de leite fortalecia a renda familiar. O plantio dos roçados exigia esforço para cortar a vegetação, capinar os brejos e plantar a roça do pai.

A mata era roçada, queimada e então se plantava milho, feijão, arroz. No ano seguinte, queimava as brotações e roçava as varas. Cortar as varas era o mais difícil, porque quando a foice batia, elas davam chicoteadas. Depois de três anos, as roças eram abandonadas para a terra se refazer e novas áreas de roça serem feitas. Os filhos preparavam, plantavam, limpavam e colhiam a roça do pai, antes de fazerem as suas. (JOAQUIM, F. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Essa relação de trabalho ocorria também entre os donos das fazendas da região e as famílias que moravam nelas. As famílias trabalhavam para o fazendeiro como forma de agradecimento, por este permitir que elas morassem e obtivessem seu sustento da fazenda. Alcides relata que era comum ainda a troca de dia de serviço por alimento.

Os proprietários maiores, normalmente, plantavam roças maiores e armazenavam. Plantavam arroz, feijão café; na época não havia óleo, era toicinho e gordura de porco. O fazendeiro matava um porco e vendia para os agregados, os diaristas, em troca de dia de serviço. Era assim que o pessoal mais pobre se alimentava, era trocando o dia de serviço por alimentos, arroz, feijão, café, toicinho, rapadura. Tudo era feito manual, as roças, as pastagens. A mecanização iniciou por volta da década de 1970. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Os produtos obtidos nos roçados eram destinados principalmente ao sustento da família. Para venda eram criados gado e porcos e fabricado rapaduras e creme de leite. A comercialização, principalmente dos animais, era feita através da catira. Ribeiro e Galizoni (2007) apontam que essa produção diversificada e em pequena quantidade, e a necessidade de negociar com vários vendedores e compradores, somado à tradição familiar, permitiram que determinados homens desenvolvessem um conhecimento e uma habilidade própria e precisa, a catira.

Os produtos e os animais eram comercializados principalmente nos municípios de Catalão (GO) e Formosa (GO) e com outros catireiros da região. As catiras são negócios garantidos por relações de confiança, pautadas por cálculos precisos, guiadas por habilidosas conversas e reguladas por uma gama variada de regras e avaliações objetivas e subjetivas. São ainda cimentadas por relações sociais costumeiras, onde prevalece a boa conduta do catireiro, como descreve Ribeiro e Galizoni (2007)

catireiro tem que ser conhecido, ter bens próprios e sua rede de informantes; tem que saber onde existe algum gado, animal ou bem para ser barganhado e, também, onde há alguém interessado naquilo que ele tem ou que pode adquirir. Mas, sobretudo, precisa ter um bom nome: “Catireiro não prospera com embondo (logro ou embaraço)”, [...] pois com isso podem até mesmo fazer negócio sem ter capital, na base apenas da confiança e dos prazos. (RIBEIRO; GALIZONI, 2007, p. 72).

Ao falar da forma que catireiros mineiros conduzem a catira, o que não difere dos catireiros goianos, os autores supracitados, relatam que estes distorcem o assunto para fugir de questões delicadas e oferecem um café e ou cigarro de palha de milho para ganhar tempo e conquistar a confiança.

[...] ele *torce* o assunto para fugir de um tema delicado, oferece um café para mudar um diálogo que não estava no roteiro que previra, começa a fazer um cigarro de *palha* quando a proposta recém-apresentada pelo parceiro gasta cálculo mais lento, conta um caso passado há anos – aparentemente sem propósito, mas finalizado com boa lição moral para a situação presente – no momento em que o negócio está chegando ao desenlace para aumentar a tensão do parceiro e fazê-lo *aluir* mais ligeiro; ou sugere, com infinita sutileza, que sabe por que o outro deseja o bem que adquire, para mostrar que domina os resultados da catira. (RIBEIRO; GALIZONI, 2007, p. 70, grifo dos autores).

Com a prática da catira, os moradores de Rancharia obtinham mais animais, terras e dinheiro para garantir a sustentabilidade da família, bem como o aumento de suas posses materiais. As catiras serviam ainda para confirmar laços sociais e relações costumeiras de confiança. Concretizavam grandes e pequenos negócios, agilizavam a circulação de bens e fortaleciam a comercialização do gado. Atualmente as catiras perderam espaço no comércio de animais e de produtos (sobretudo o leite), já que estes são vendidos para açougues e cooperativas, respectivamente. Contudo, elas se mantêm enraizadas na memória, nas tradições e nas vivências cotidianas dos atuais moradores de Rancharia. Com o passar do tempo os roçados de subsistência foram dando lugar à pecuária, que se tornou a principal fonte econômica, como relata Alcides:

hoje, a agricultura familiar na nossa região está limitada a alguns moradores que ainda a praticam, a maioria são produtores de leite, ficou insustentável essa agricultura manual devido à mão-de-obra escassa. Antigamente a criação de gado era mais doméstica... para a produção de carne e leite, era vendido só o excedente, mas não era sofisticada como hoje. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

A produção de leite foi inicialmente comercializada por leiteiros, alguns dos quais não legalizados. Nos últimos anos, com a intensificação da fiscalização e exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o leite passou a ser vendido para a Cooperativa Agropecuária de Catalão Ltda (COACAL). Atualmente 75% das propriedades rurais de Rancharia produzem leite e criam gado. A ordenha é feita de forma manual. Ao entardecer, os bezerros são separados das mães, para estas, na manhã seguinte, serem ordenhadas (Foto 18). Para consumo familiar são criados ainda suínos e galinhas caipiras (Fotos 21 e 22), além de ser produzido queijo (Foto 23). O cultivo de pomares, hortas e pequenos roçados de cana-de-açúcar, milho e mandioca garante a produção caseira de pamonha, polvilho e farinha, além da alimentação do gado em períodos de seca.



**Foto 21** - Divina D. C., na ordenha manual, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Andrade, T. mar./2009. Fonte: Arquivo pessoal.



**Foto 22** - Produção de queijo, propriedade de Lázaro C. de O., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 23** - Criação de suínos, propriedade de Paulo, I. de M., comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Segreto, M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 24** - Criação de galinhas caipiras, propriedade de Paulo, I. de M., comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.

Segundo o colaborador Lázaro antes o gado era criado em pastos nativos, não era vacinado contra a aftosa nem para outras doenças que o pudessem atacar. Contudo o gado era muito mais sadio que hoje. Atualmente a criação de gado é feita em pastagens com espécie *brachiaria*. Capins nativos como o Provisório e o Meloso, praticamente desapareceram.

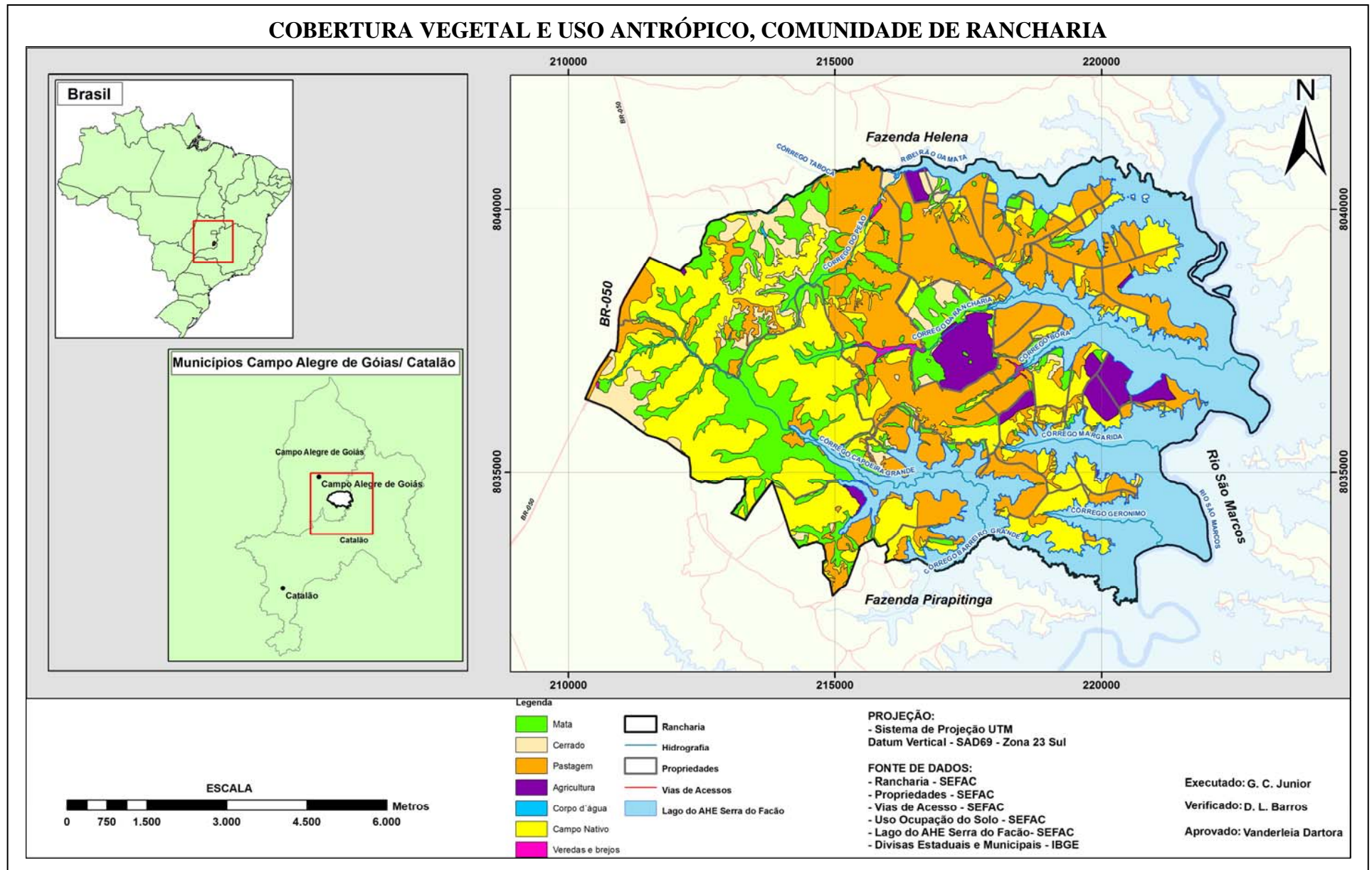
Toda vida teve gado, antigamente era pouco, dava só sal branco, não tinha essa coisa de sal mineral, não tinha essas pastagens. De primeiro não tinha essa coisa de vacinar contra a aftosa. Agora tudo é veneno. A vacina da manqueira aplicava uma dose de querosene no pé do rabo da criação, hoje tem vacina própria. O gado era muito mais sadio, a carne era muito mais gostosa e mais cheirosa. A pastagem era de capim Provisório e capim Meloso (capins nativos), hoje é só branquearia. O capim Meloso, hoje, quase já não existe, porque ele não aguenta a aração, se arar ele acaba. Hoje, nos períodos de seca, tem que alimentar o gado com ração, porque a braquearia é um pasto muito bom estando chovendo, na seca ele acaba, aí tem que tratar o gado pra não morrer de fome. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Para os colaboradores abaixo, atualmente as famílias vivem com menos restrições financeiras e têm mais bens materiais. Todavia, algumas relações de troca, de ajuda mútua e de preservação ambiental, foram sendo perdidas ao longo do tempo.

Antes quem tinha 20 réis era rico. Agora quem tem 100 réis está a pobre. Antigamente tinha 20 réis em 100 alqueires de chão. Hoje quem tem 20 réis tem que manter elas em um alqueire só. De primeiro não tinha essa ambição por dinheiro. Não vendia queijo. Quem fazia, costumava presentear os vizinhos. Hoje de certo ponto está melhor que antigamente, o povo não passa fome. Mas antigamente não tinha violência como agora. Hoje se você guardar um dinheirinho em casa e alguém souber, você é uma pessoa morta. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Quando eu estava com 20 anos, eu comprei 10 alqueires aqui, e fui capinando e plantando arroz. Colhia até 120 sacas de arroz manualmente. A cada 10 sacas de arroz eu comprava uma vaca. Hoje precisa mais ou menos 16 sacas para comprar uma vaca. Hoje esta mais fácil de produzir, duas pessoas com maquinários produz uma lavoura grande. Hoje se gasta muito em adubo, calcário, mas também se produz muito. Hoje usa mais inseticida, veneno. Antigamente plantava arroz com plantadeira de mão, limpava na enxada. Nascia e até colher você não sabia o que era inseticida. O feijão era a mesma coisa, não usava veneno. Hoje você planta feijão, milho, soja, e já no plantio usa veneno para matar o mato. Larga o veneno na terra, os bichinhos que estão no chão devem morrer com a água do veneno. Tatu ninguém mata, mas tem pouco, deve morrer bastante envenenado. Aplica veneno para matar os bichinhos da soja, e acredito que os animaizinhos que vivem ali morrem também. Aí vem a chuva e leva para os rios. (PAULO, I. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

No uso do solo predominam as pastagens com a espécie *brachiaria*, seguida por campos nativos e pequenas áreas de mata contornando os córregos. A agricultura, com plantio de soja, ocorre em menor quantidade, conforme é representado na figura 4.



**Figura 4** – Cobertura vegetal e uso antrópico, comunidade de Rancharia, município de Campo Alegre de Goiás. Org.: Dartora, V. (2010).

A relação com a natureza ora se apresenta de forma harmônica, com a preservação da mata ciliar, proteção de nascentes d'água, cuidado com os animais silvestres e cultivo de pomar e horta sem agrotóxicos, ora de forma conflituosa, com o desmatamento do Cerrado (campo aberto) para o plantio de pastagens com espécie *brachiaria*. O uso de máquinas agrícolas nessas áreas também contribui para a diminuição da diversidade da fauna e da flora. Os relatos de alguns dos moradores demonstram essa relação entre o ser humano e o ambiente:

hoje, onde eu tinha roça na beira do córrego, nos brejos, plantei árvore para proteger o solo e fazer sombra. Para dar matéria orgânica, adubar o . (PAULO, I. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Eu cuido dos animais. Às vezes aparece algum filhote machucado, eu cuido dele e depois eu solto. Eu gosto deles, eu zelo por eles porque não tem quem zele por eles. Zelei por uma ararinha, um tatuzinho que estava com a perninha quebrada, zelei por ele e depois que estava curado eu soltei. (DIVINA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Hoje se você vai bater um pasto, quer pôr o trator, não quer cortar um ramo, desviar uma árvore, um trem que fica. Põem a máquina que acaba com tudo. Já na ferramenta você vê um pau bonito, você deixa ele. Vê uma moita de gabioba, deixa ela. A máquina acaba com tudo. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

As transformações do ambiente são visualizadas e vivenciadas cotidianamente pelos moradores de Rancharia, assim como são experienciados valores e significados que permitem conhecer e gostar do lugar, sentindo-se seguros e felizes em morar no local.

#### **2.2.4 O cotidiano e a alegria de morar em Rancharia**

No cotidiano de Rancharia são observadas ainda as experiências de vida, os afetos e o respeito aos mais velhos, como o demonstrado à Dona Eva, moradora mais idosa. Durante as entrevistas nos deparamos com situações interessantes, como a dos moradores que passavam por sua casa para lhe pedir benção e conselhos, ou simplesmente conversar, como filhos que visitam a mãe. Com 78 anos de idade, Dona Eva divide saberes e atitudes que

convidam a uma reflexão permanente sobre os valores que atribuímos à vida. Só anda descalço e com lindos vestidos floridos, acompanhados de combinação e lenço na cabeça. Não dispensa o cigarro de palha, nem quando problemas de saúde a fazem ficar no hospital. Acolhe a todos como uma mãe que protege e educa seus filhos. Ela é ainda a única benzedeira que ainda reside na Rancharia. Otimista e com um amor especial a vida, ao se referir à necessidade de superar as dificuldades, declara: “impossível é Deus pecar”. Assim, Rancharia é vista pelos moradores como um lugar de sossego, segurança e aconchego amigo. Todos se sentem felizes em morar lá, como demonstram os relatos abaixo:

Aqui a tranquilidade é muita. Eu não aguento cidade não, capaz que faz uns 40 anos que eu não poso na cidade. Os vizinhos todos unidos, convivem muito bem. Um povo muito bom, todos entendido, não há desentendimento. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Eu adoro morar aqui, porque meus pais, eu, minhas filhas, todos nascemos na comunidade. Os vizinhos são bons. Aqui é tranquilo. Adoro o lugar, as matas, ver os animais, os pássaros cantando deixa a gente alegre; eles fazem parte da nossa vida, criam seus filhos na varanda de nossa casa. (CLEUSA, F. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Eu gosto de morar aqui, porque o lugar é muito bom, sossegado. Eu gosto do lugar, da paisagem. Moro aqui há 30 anos. Quando eu fico chateada, vou por aí, no meio do mato, vejo um passarinho, já volto toda contente. No meio da mata é fresquinho, na beira da água. Meio ambiente é o mato, os passarinhos, os animais. (DIVINA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Assim, ao conhecer parte da história e das vivências cotidianas dos moradores de Rancharia, foi dado o primeiro passo para compreender suas representações sobre meio ambiente e os significados atribuídos às suas relações sociais e práticas ambientais, uma vez que as representações advêm do vivido que é internalizado nos indivíduos, influenciando seu modo de agir e sua linguagem ao longo da vida.

Participar do cotidiano dos moradores de Rancharia agregou mais do que simplesmente conhecimento; trouxe alegrias, aconchego amigo, envolvimento, reflexões e significados que marcaram a ação de pesquisador. Os colaboradores abriram mais do que somente suas casas para que pudéssemos entrar. Permitiram que parte de suas vidas fosse revisitada para juntos compreendermos e experienciarmos valores, emoções e representações que conduzem o seu viver.

**VIVÊNCIAS E VALORES NO COTIDIANO DE  
RANCHARIA:**  
as representações de meio ambiente dos moradores



**Foto 25** - Ipê amarelo, árvore característica do Cerrado, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

### **3 VIVÊNCIAS E VALORES NO COTIDIANO DE RANCHARIA:** as representações de meio ambiente dos moradores

*Peneiro balão  
Peneirou no ar  
Peneirou balão das rochas  
Foi cair dentro do mar*

*Pavão gemeu  
na mata do arião,  
Pavão gemeu  
machucou um coração*

(Jerônima, C. da S., 73 anos, informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010)

Ao conjugar aspectos sociais, psicológicos, econômicos, geográficos, ecológicos, políticos e culturais, o estudo das representações permite e compreender o cotidiano e as relações estabelecidas nele. Permite ainda identificar e conhecer as sensações que a realidade causa no indivíduo e seu interesse e motivação para com esta realidade. As experiências de vida e os significados atribuídos aos fenômenos levam as pessoas a perceberem e agirem no espaço e o representarem a partir de símbolos, palavras e comportamentos. Autores como Sá (1998 e 2004), Leme (2004), Lane (2004), Farr (2005), Minayo (2008), Spink (2008) e Kozel (2009), entre outros, nos auxiliam no desafio de compreender as representações dos moradores de Rancharia.

As representações perpassam o entendimento do concebido, do vivido e da própria prática social cotidianamente estabelecida no ambiente. São construções cognitivas refletidas nos significados e vivências cotidianas dos sujeitos, tanto no plano individual quanto no grupo, entre o objetivo e o subjetivo.

Nesse capítulo a proposta é a apresentar as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia, num encontro entre suas vivências e narrativas. O propósito não é esgotar o assunto, mas contribuir para ampliar o debate acerca dessa temática.

### 3.1 Meio Ambiente: reflexões e conceito

Para iniciar a discussão, é importante destacar que nas últimas décadas o termo meio ambiente tornou-se comum no cotidiano das pessoas, no dia-a-dia das escolas, nas comunidades ou nos veículos de comunicação. Se por um lado o termo ganhou uma infinidade de significados vinculados a problemas sociais e ecológicos, como a produção excessiva de lixo, a destinação inadequada desses resíduos, o aumento no buraco da camada de ozônio, a escassez e a poluição das águas, a destruição das matas e o desgaste do solo; por outro, aparece como símbolo de natureza, ambientalismo, educação ambiental, ecologia, entre/outros. A pesquisadora e educadora ambiental Sauv  (1997), ao refletir sobre as formas como os humanos concebem o termo meio ambiente e a partir deste entendimento agem no espaço e seus lugares, descreve seis concep es, a saber:

Ambiente como a natureza:   visto como ambiente natural do qual os seres humanos estão dissociados, mas devem aprender a proteger para garantir a qualidade de vida.

Ambiente como um recurso:   o ambiente que garante a sobrevivência das espécies, sobretudo a humana. Esse limitado recurso   deteriorado e degradado, mas pode ser gerenciado de acordo com princípios humanos. Algumas pessoas agem de maneira a assegurar os recursos para as gera es atual e futura. Outras buscam transformar os recursos em rendimentos financeiros sem preocupa es com o amanhã.

Ambiente como um problema:   o ambiente ameaçado pela polui o e pela degrada o. As a es envolvem estratégias para identificar, analisar e diagnosticar o problema, buscar solu es e assegurar a constante retroalimenta o. Todavia, as interven es buscam solucionar as conseq ncias, dificilmente as causas.

Ambiente como um lugar para se viver:   o ambiente do cotidiano, na escola, nas casas, na vizinhança, no trabalho e/ou no lazer. Esse ambiente   caracterizado pelos seres humanos nos seus aspectos socioculturais, tecnológicos e componentes históricos. Envolve o senso de pertencimento.

Ambiente como a biosfera:   visto como o objeto da consciência planetária. Esse   o mundo de interdependência entre os seres vivos e inanimados, que clama pela solidariedade humana.

Ambiente como projeto comunitário:   o ambiente da coletividade humana, o lugar dividido, o lugar político, o centro da análise crítica.   o espaço da solidariedade, da democracia e do envolvimento individual e coletivo.   um lugar de coopera o e de parceria

para realizar as mudanças desejadas no seio de uma coletividade. É importante que se aprenda a viver e a trabalhar em conjunto.

Ao analisar historicamente essas concepções, a autora supracitada ressalta que nas primeiras décadas do século XX o ambiente era visto principalmente como natureza. Décadas mais tarde, com a evolução tecnológica e industrial, o ambiente passou a ser visto como recurso, de onde se obtinha a matéria prima. Já no início dos anos de 1970, com o desencadeamento de significativos problemas ambientais, o ambiente passou a ser percebido basicamente como um problema. Nos últimos anos surgiu a preocupação com a dimensão do ambiente como biosfera, provocada pela globalização do mercado e da informação e também pela percepção sobre as interrelações dos fenômenos ambientais locais e globais. Mas é na concepção de ambiente como projeto comunitário que está à possibilidade de haver uma mudança de atitude das pessoas com o ambiente e seus lugares.

Ao contribuir com esse debate, Mendonça (2009) destaca que até meados do século XX, as discussões relativas ao meio ambiente ainda tinham uma concepção majoritariamente naturalista. Nas suas últimas quatro décadas, embora tenha havido um envolvimento crescente das atividades humanas, o conceito de meio ambiente permaneceu relacionado à natureza. Somente no final do século passado é que essa concepção ganhou complexidade, não mais se referindo somente à natureza, mas também às relações de interdependência que existem entre as sociedades e os componentes físicos, químicos e bióticos do meio ambiente, bem como, os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Reigota (2007), entretanto, entende que essa complexidade ainda não alcançou consenso, digno a unificar o significado do termo meio ambiente, tanto na comunidade científica como fora dela, a ponto de definir um conceito que possa ser compreendido e ensinado da mesma forma por toda a comunidade científica. O que se percebe é uma pluralidade de concepções e conceitos, presentes em acepções científicas, políticas e culturais. Diante dessa multiplicidade de definições, e por seu caráter difuso e variado, o autor considera a noção de meio ambiente como uma representação social e destaca que o primeiro passo para sua compreensão deve ser a identificação das representações das pessoas que nele vivem. E para fim de contribuição nesse processo, define meio ambiente como:

o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformações do meio natural e construído. (REIGOTA, 2007. p. 14).

Para Reigota (2007), o meio ambiente é um espaço determinado no tempo, no sentido de se procurar delimitar as fronteiras e os momentos específicos que os fenômenos ocorrem. É percebido no tempo e no espaço, já que cada pessoa o representa de acordo com seus conhecimentos específicos e experiências cotidianas. E está em constante transformação, a partir das relações dinâmicas e interativas proveniente do resultado das relações entre os grupos sociais e seus lugares, num processo de criação permanente, que estabelece e caracteriza culturas em tempo e espaços específicos.

Entender como as pessoas representam o ambiente tem motivado várias discussões, tanto no campo das ciências, quanto nas diversas dimensões da vida. Nessa investigação é importante salientar que o estudo das representações envolve o internalizado cognitivamente e o vivido socialmente pelo sujeito, uma vez que as construções cognitivas influenciam as vivências cotidianas, e o vivido, por sua vez, interage com o concebido, numa relação de constante diálogo e interação. Ao transformar o ambiente, as pessoas também são transformadas por ele. Esse processo envolve alterações externas e internas (subjetivas) que caracterizam a história individual e coletiva de um grupo social.

### **3.2 Representação social: conceito e teoria**

As representações sociais exprimem significados e vivências dos sujeitos sociais e as normas de instituições ou de grupos dos quais fazem parte. São influenciadas pelas relações sociais e veiculadas na vida cotidiana por meio de discursos, comportamentos e práticas individuais e grupais.

Para Minayo (2008), a representação social é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento que se manifesta em palavras, sentimentos e condutas. Portanto, devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. A autora destaca ainda que as representações podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social e também para a ação pedagógico-política de transformação, pois retratam a realidade segundo um determinado segmento da sociedade.

As representações sociais envolvem a realidade social e o cognitivo, articulando elementos afetivos, mentais e sociais. São formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas, tendo uma visão prática de uma realidade comum a um grupo social; são

modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social; são formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos e socialmente elaboradas e compartilhadas (JODELET, 1989 apud SÁ, 2004).

O cognitivo, mencionado anteriormente, está relacionado à percepção, processo pelo qual se conhece os objetos e as situações próximas no tempo e no espaço. A percepção envolve o significado que atribuímos às informações recebidas pelos sentidos. É um conhecimento adquirido por meio do contato direto com objetos e com seus movimentos, dentro de um espaço sensorial. Tuan (1980), o percussor dos estudos sobre percepção, aponta que esta é a resposta dos sentidos aos estímulos externos, e que todos os seres humanos compartilham percepções comuns em virtude de possuir sentidos similares, porém o modo como as suas capacidades são usadas e desenvolvidas divergem e, como resultado, não somente as atitudes com o meio ambiente diferem como também as formas de percepção de diferentes culturas. Povos em diferentes lugares construíram ou constroem seus mundos de maneiras diferentes, de acordo com a multiplicidade cultural.

Assim, nessa investigação, a percepção está intimamente ligada aos sentidos que encaminham ao cognitivo, imagens e sensações, vistas e sentidas, por meio de objetos e fenômenos próximos no tempo e no espaço. Por isso, o cotidiano é considerado um meio fértil para o conhecimento da realidade, pois é composto por relações impregnadas de saber. Nele as pessoas convivem, desenvolvem suas atividades econômicas e sociais, as relações são tecidas e partilhadas de forma emocional e afetiva, impregnadas de aspectos culturais.

No cotidiano, as representações sociais são elaboradas socialmente e funcionam no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. Caracterizam-se como um comportamento observável e registrável, simultaneamente, individual e social, impregnado de significados que se originam na vida diária. Representar não é simplesmente um ato passivo de aceitação da realidade, pelo contrário, é um ato ativo onde o indivíduo busca de forma reflexiva, e a partir do julgamento de valor, tornar o não familiar em familiar, como escreve Leme (2004):

o ato de representar não deve ser encarado como um processo passivo, reflexo na consciência de um objeto ou conjunto de ideias, mas como um processo ativo, uma reconstrução do dado em um contexto de valores, reações, regras e associações. Não se trata de meras opiniões, atitudes, mas de “teorias” internalizadas que serviriam para organizar a realidade. A função das representações é tornar familiar o não familiar numa dinâmica em que objetos e eventos são reconhecidos e compreendidos [...]. (LEME, 2004, p. 48).

Compreender as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia possibilita entender a trama da própria vida, em que se encontram natureza e tradições, identidades e relações com os outros, vivências e significados. Como ressalta Lane (2004, p. 61), “não é possível conhecer o ser humano sem considerá-lo inserido numa sociedade, numa cultura, num momento histórico e em dadas condições políticas e econômicas.”

O estudo das representações sociais permite ainda compreender os processos que submetem o comportamento humano, como afirma Kozel (2009):

caberia [...] as representações entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que esse é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial e social), existindo uma reação direta e indireta entre essas representações e ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento, permitindo-nos compreender a diversidade inerente às práticas sociais, às mentalidades, ao vivido. (KOZEL, 2009, p. 215).

Por fim, o estudo das representações possibilita compreender as relações sociais e práticas ambientais experienciadas em um determinado segmento da sociedade. Possibilita interpretar, pensar e agir sobre a realidade, pois elas têm relação direta com a ação. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, as representações sociais, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos e a compreensão do contexto social onde estão inseridos. E é a partir dessa construção coletiva de experiências e saberes que as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia foram sendo elaboradas ao longo do tempo.

### **3.3 As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia**

As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia estão impregnadas de aspectos objetivos e subjetivos. São conhecimentos que somados a elementos subjetivos fazem com que o ambiente seja percebido e representado diferentemente por cada sujeito ou pelo grupo, de acordo com suas crenças, necessidades e vivências. As percepções, os valores, os significados e as preocupações demonstram o tempo em que cada indivíduo vivenciou e experienciou relações próximas com o ambiente e seus lugares.

Assim, as representações estão impregnadas de sentimentos que resultam de uma

longa experiência, fruto de uma história de vida relacionada a acontecimentos, fatos, conflitos, encontros e desencontros, pausas e movimentos. Nesse encontro, entre o objetivo e o subjetivo, vários elementos que interagem e determinam as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia foram evidenciados nas narrativas, através de palavras ou simplesmente por meio de expressões faciais, murmúrios, olhares, silêncios ou pausas. Preciosidades que a escrita, por mais minuciosa que seja não conseguirá transcrever com a mesma emoção que foi transmitida.

A partir das entrevistas, foram elencados três elementos que contribuem para a compreensão das representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia, em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, são eles: as experiências e as vivências cotidianas ao longo dos anos permitiram aos colaboradores adquirir conhecimentos sobre o ambiente próximo, avaliar suas atitudes, atribuir significados e representar o ambiente enquanto natureza e lugar; as práticas de cultivo e a criação de gado foram apontadas como principais responsáveis pelas transformações ocorridas no ambiente local; a televisão e o rádio foram considerados os meios de comunicação responsáveis pela disseminação de informações sobre o meio ambiente. Compreender essas representações é o primeiro passo para pensar os caminhos a serem trilhados pela educação ambiental nessa comunidade.

### **3.3.1 Ambiente enquanto natureza e lugar**

As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia estão predominantemente relacionadas à natureza e ao lugar. O lugar é visto como o espaço onde vivem e onde as relações se dão pela proximidade, pelo respeito ao outro e pelo cuidado com as matas, os animais e as águas. O ambiente faz parte da vida humana dos colaboradores como demonstram os trechos das narrativas abaixo.

A gente tem que cuidar da natureza. Aqui o ar é bem mais puro que na cidade. Aqui é mais fresco. Tem muito mais verde que na cidade. O meio ambiente é uma parte da vida da gente. Meio ambiente tem a ver com o ar, com a mata, a água, sem ele a gente não vive. Meus colegas que moram na cidade não sabem o nome das árvores, eu conheço todas elas. (PAULO, H. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Meio ambiente é cuidar e preservar os animais, não desmatar para preservar as nascentes d'água e os bichos. O meio ambiente faz parte da nossa vida. (CLEUSA, F. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Meio ambiente é a vegetação verde, que está pouca por causa dos desmatamentos para fazer lavoura. Antes tinha muita mata, nem gabirola tem mais, os tamanduás-bandeiras procriavam muito, agora não tem mais. (ALZELINA, D. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

As representações anteriormente descritas refletem o conhecimento sobre o ambiente próximo, ou seja, o espaço da casa, da propriedade rural, das fazendas do entorno e cidades próximas. Por vezes, esse conhecimento demonstra uma compreensão fragmentada das relações de interdependência entre os elementos sociais e naturais locais, regionais e nacionais. Todavia, em algumas narrativas o ambiente é representado de forma complexa, demonstrando a interdependência entre o ser humano e a natureza.

Meio ambiente é o meio que todos nós vivemos; a gente é uma engrenagem que funciona com a natureza, uma coisa depende de/outra, assim como o Cerrado depende da Selva Amazônica, os rios dependem das nascentes, a gente depende do meio, de todo o ecossistema, dos animais, das plantas. (ALCIDES, J. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Os colaboradores demonstram uma preocupação com a vida e com a forma como as atividades econômicas transformam o ambiente, interferindo nas interações sociais e ecológicas. As experiências cotidianas conferem ainda profunda intensidade as relações vivenciadas no ambiente e solidificam atitudes. Nesse sentido, Tuan (1980), conceitua atitude como uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. A cultura é formada por uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências.

Para o autor supracitado, é importante conhecer ainda a herança biológica, a educação e as práticas cotidianas de cada pessoa para compreender sua postura e atuação no ambiente e conseqüentemente como cada indivíduo ou grupo representa o mesmo. “O grupo, expressando e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente.” (TUAN, 1980, p. 285).

Assim, pode-se dizer que as atitudes, os valores e os significados que os moradores de Rancharia atribuem ao ambiente estão relacionados a padrões culturais e econômicos de abrangência, no mínimo, nacional. Aspectos de tradição aprendidos e mantidos de geração em geração interagem com outros elementos culturais vivenciados na

sociedade, dinamizando e diversificando as relações sociais e as práticas ambientais. Exemplos dessa dinâmica são encontrados na alimentação, em que produtos naturais cultivados nos quintais e a fabricação caseira de pão-de-queijo, doce-de-leite e queijo se misturam ao uso de produtos industrializados como refrigerantes, condimentos, extrato de tomate entre outros. As práticas agrícolas mesclam saberes tradicionais usados principalmente no cultivo do milho, da mandioca e da cana-de-açúcar, e técnicas modernas de pastagens com espécies exóticas. Essas práticas cotidianas ao longo do tempo foram solidificando as histórias e as experiências de vida e os significados atribuídos às vivências no ambiente, permitindo a construção individual e coletiva das representações de meio ambiente como natureza e como o lugar para se viver.

Durante as entrevistas, além de relatar histórias de vida, os colaboradores foram estimulados a fotografar elementos que representam o meio ambiente. Com uma máquina fotográfica, os colaboradores caminharam no entorno de suas residências fotografando aspectos ecológicos, econômicos e de tradição. As fotografias reforçam as representações de meio ambiente enquanto natureza (Fotos 26 e 27) e lugar onde vivem (Fotos 28, 29, 30 e 31).



**Foto 26** - Representação de meio ambiente enquanto natureza, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autor: Lázaro C. de O. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 27** - Ambiente como natureza, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autor: Paulo Henrique I. de M. jul./2010. Fonte: Trabalho de Campo.



**Foto 28** - Ambiente enquanto lugar de produção, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Divina, D. C. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 29** - Detalhes do cotidiano. Pimentas no quintal. Comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Divina D. C. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 30** - Pedra para afiar ferramentas, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autor: Lázaro C. de O. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 31** - Detalhe do pomar, propriedade de Paulo, I. de M., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autor: Paulo Henrique I. de M. jul./2010. Fonte: Trabalho de campo.

As fotografias refletem o cotidiano impregnado de valores e significações. São elementos que fazem parte do dia-a-dia dos moradores de Rancharia, como a beleza dos quintais, a abundância dos frutos, os animais domésticos e as atividades econômicas de subsistência da família. São lugares transformados a partir das vivências e experiências cotidianas dos moradores, que por vezes interferem no equilíbrio ecológico, como determinadas práticas de cultivo e criação de gado, apresentadas no próximo item.

Por fim, as representações sobre o meio ambiente dos moradores de Rancharia, expressas nas imagens e nas narrativas dos colaboradores, são fruto do conhecimento e das percepções retidas na memória e manifestadas nas suas vivências cotidianas.

### **3.3.2 As formas de produção e as transformações ocorridas no ambiente**

Em seus relatos de vida, os colaboradores apontam a mecanização do cultivo de lavouras e o desmatamento de áreas de Cerrado para a formação de pastagens com a espécie exóticas como os principais responsáveis pela degradação do meio ambiente local, como

demonstra a narrativa a seguir.

Há 50 anos era tudo capoeira, mata, era uma mataiada, aí o povo roçava e fazia roça. Plantava arroz, feijão e milho. Não existia trator. Depois que existiu o carro de boi, o trator. A vida hoje é só tranquilidade. Hoje se você vai bater um pasto, quer pôr o trator, não quer cortar um ramo, desviar uma árvore, um trem que fica. Põem a máquina que acaba com tudo. Já na ferramenta você vê um pau bonito, você deixa ele. Vê uma moita de gabioba, deixa ela. A máquina acaba com tudo. A destruição da máquina é muito grande. Tem um mel num cupim, a máquina passa e derruba tudo, acaba com o bichinho. Mexer com a ferramenta é outra coisa, desvia muita coisa. Vê um ninho de passarinho, o passarinho está chocando ali, vai a máquina com o batedor, passa e acaba com tudo, acaba com o ninho, acaba com os filhotinhos, as mães ficam num desespero. Com a ferramenta não, igual a antigamente, desviava tudo, via um passarinho com o ninho dele lá, cortava ao redor e largava. Tinha um mel num cupim ou num pau, deixava. Hoje em dia não, a máquina passa e destrói tudo, não deixa nada. Com a máquina é mais fácil, mas a gente não pensa na destruição que é. Com a máquina a renda é maior, mas destrói o que não deve. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

O colaborador demonstra a sua preocupação com a mecanização das atividades agropecuárias e as agressões e transformações ocorridas gradativamente no ambiente local. Explicita também sua preocupação com a fragilidade da vida dos animais e plantas nativas. Os aspectos físicos e funcionais do ambiente são ressaltados pelo colaborador não somente como uma ação natural, mas também, influenciado pelas práticas cotidianas dos moradores. A lembrança da presença da flora e da fauna no ecossistema é narrada com a familiaridade de quem vivenciou essa interação com o ambiente, assim como estão gravadas na memória de Dona Eva, ao recordar com certa tristeza fatos vivenciados em tempos passados e as diferenças encontradas nos dias de hoje.

Comia araticum, gabioba, mangaba. Hoje tem dias que dá vontade e nem mangaba tem. Agora com esse tal trator, nem mais fruta do Cerrado tem. Hoje esses meninos mais novos nem conhece essas frutas, pois não tem mais. Do tempo que eu era mais nova diferenciou cem por cento. De agora pra frente vai de mal a pior, porque não está chovendo, nem capim não cresce mais. Mas Deus é bom Pai, Ele sabe o que faz. (EVA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Em narrativas anteriores, os colaboradores relatam as alterações ambientais ocorridas no ambiente desde o processo de derrubada da vegetação nativa para o cultivo de roçados até a pecuária atual. Essas transformações ocorridas ao longo dos anos ficaram

registradas na memória dos moradores que vivenciaram e experienciaram tais mudanças e, por conta disso, percebem o processo dinâmico e os conflitos dos usos do espaço. Nos relatos a seguir, são apresentados detalhes do início do desmatamento do Cerrado e sua intensificação quando as pastagens mecanizadas foram introduzidas em Rancharia.

Foi desmatado muito para formar capins, criar gado. Quando chegamos aqui, era só mata. Hoje o povo desmata ainda muito para formar pasto para o gado. (DIVINA, D. C., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

Antigamente, eles conservavam, porque eles tinham cuidados com a terra, não faziam derrubadas onde não era necessário, só fazia derrubada pra plantar suas lavouras, sempre tinha muito mato aqui, eles não devastavam assim só por devastar não, nem pastagem quase não tinha, hoje que tem pasto formado, de uns anos pra cá que o povo vem formando, porque começaram a investir no leite, antigamente era pastagem natural. Aí o pessoal foi vendo que era mais lucrativo e foi desmatando. (MARIA APARECIDA, P. da. S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

As representações refletem as vivências cotidianas e as lembranças enraizadas na memória dos colaboradores. São valores e significados construídos ao longo da história, formados por sucessivas camadas de significações. Os depoimentos trazem aspectos de momentos diferentes da vida dos moradores de Rancharia e suas preocupações com a preservação do meio ambiente, sobretudo com a recuperação das matas ciliares, a qualidade e a quantidade de água e as formas de evitar as queimadas, como demonstram os trechos das narrativas abaixo.

Hoje é meio deserto, acabou o mato todo, acabou o Cerrado, agora que o povo está deixando, todo mundo está deixando o mato, não tá roçando os matos, a água acaba né. (SEBASTIÃO, P. da S., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), ago./2010).

No meu tempo as matas já eram escassas, onde tinha mais era na beira dos córregos. A destruição do meio ambiente prejudica muito. A gente evita o máximo queimar, cortar árvore na beira da água. O que eu fiz foi plantar, onde eu tinha roça na beira do córrego plantei árvore, fiz muda de angico, ganhei no IBAMA mudas de tamboril, cedro. Plantei para proteger a terra, proteger o solo, fazer sombra. Na beira do córrego, onde passam as enchentes que estragam, aí as raízes seguram o orgânico da terra, as folhas se transformam em matéria orgânica, a própria natureza aduba a terra. Basta você ver, nos lugares onde a vegetação era grossa, formada a terra é boa (PAULO, I. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

A preocupação com a destruição da natureza, sobretudo as matas ciliares, que contribuem para a manutenção das águas nos córregos, rios e lençóis subterrâneos e na quantidade de chuvas, é explicitada também por Dona Eva, quando relata que antigamente chovia muito, tinha muita água e que hoje o período da chuva é seco. Para ela, quem está dando mantimento às plantações é a mão de Deus, porque as chuvas são poucas.

Por outro lado, as práticas agropecuárias, vivenciadas pelos moradores ao longo dos anos, agregaram significativo conhecimento sobre a dinâmica social e ecológica local. Alterações como assoreamento de córregos, diminuição da quantidade da água e erosões, ocorridas devido ao cultivo agrícola em áreas de brejos e em beiras de córregos, além de desmatamento para plantio de pastagens, contribuíram para que os moradores adotassem práticas de manejo de solo adequadas à proteção do meio ambiente. Práticas essas que mudaram a postura de algumas pessoas, principalmente no que se refere ao plantio em curva de nível e a preservação das matas ciliares, mesmo que, em alguns locais, o tamanho dessas matas ainda se encontra inferior ao exigido pela legislação ambiental. Esse aprendizado prático e experimental é claramente explicitado nos relatos apresentados anteriormente e em várias das narrativas descritas no capítulo anterior.

Pelas narrativas observa-se que na memória dos colaboradores estão registradas as transformações ao longo dos anos, acompanhando experiências e vivências cotidianas e, por isso, marcaram suas histórias de vida. Mudanças recentes, como as advindas do enchimento do reservatório da usina Serra do Facão, parecem não incomodar os moradores, apesar das significativas transformações sociais, econômicas e ecológicas proporcionadas pelo alagamento de parte das propriedades rurais e dos rios e córregos de Rancharia. Infere-se que por serem alterações recentes os moradores ainda as vejam como “um mal necessário”. Por outro lado, os colaboradores reconhecem as transformações ambientais, que com maior ou menor intensidade, fizeram parte de suas práticas e experiências cotidianas, sendo submetidas à análise de valor e significados. Todavia, não há um consenso entre os colaboradores sobre quais alterações ambientais são ocasionadas por suas atitudes em relação ao meio ambiente e quais são advindas de interferências externas.

Quando questionados sobre o que é preciso fazer para cuidar do meio ambiente e de quem é a responsabilidade de cuidar, as narrativas dos colaboradores refletem a experiência, o conhecimento, o envolvimento e o comprometimento de cada sujeito, não havendo um consenso ou um comprometimento pessoal quanto à responsabilidade de proteger o ambiente e seus lugares. O colaborador abaixo relata que os moradores respeitam mais o meio ambiente do que as pessoas de fora do lugar.

Quem caçava era gente de fora, não tinha punição nenhuma pra eles. As pessoas do lugar gostam da natureza, os de fora vêm só pra destruir, pra bagunçar, não gostam. Nós temos um passarinho aqui, convivemos com ele o dia todo, aí vem alguém de fora, mata ele e nós ficamos sem ele. (LÁZARO, C. de O., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

A compreensão de que os moradores são mais atentos às mudanças ocorridas no ambiente local e que experiências cotidianas interferem de forma significativa nessas transformações é explicitada também no relato a seguir:

a proteção do meio ambiente varia de pessoa para pessoa. Muitas pessoas vão apreendendo com a natureza, o próprio homem vai pagando pela destruição da natureza. Há 20 anos eu paguei esse preço. Rocei na beira do córrego, fui plantando até desgastar a terra, aí veio à enxurrada e levou tudo. Agora plantei árvores, fui apreendendo com a natureza, a natureza mostra onde você acerta e onde erra, a gente aprende no convívio com a ela. (PAULO, I. de M., informação verbal, comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

Ainda sobre os cuidados com o meio ambiente, os colaboradores relatam que de certa forma os moradores do lugar preservam mais do que os visitantes, embora no grupo ainda haja caçadores, pescadores e pessoas matando animais. Destacam ainda a importância de o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) se envolver mais com a educação e a orientação dos agricultores para a preservação da vegetação nativa, sobretudo as reservas legais. Os colaboradores apontam ainda os meios de comunicação, rádio e televisão, como os principais disseminadores de informações sobre o meio ambiente.

### **3.3.3 O rádio e a televisão, principais meios de difusão de informações**

Diante da pergunta sobre onde ouvem falar de meio ambiente, os colaboradores apontam as rádios e, em especial, a televisão como os principais meios de comunicação disseminadores de informações referentes às questões ambientais. A colaboradora Maria Aparecida relata que atualmente é na mídia que mais se ouve falar de meio ambiente. Já em tempos passados nem ouvia falar. Todavia as famílias de Rancharia conservavam as matas, sem nem saber as informações que têm hoje por meio da mídia.

A televisão e o rádio podem ser considerados as principais fontes de informação não só para os moradores de Rancharia, como também para uma expressiva parcela da população brasileira. A mídia detém importante papel na formação de opinião, inclusive sobre questões ambientais. Contudo, determinadas informações, até pela sua abrangência de cobertura e público, são apresentadas de forma fragmentada e fora do contexto local, fato que dificulta uma postura crítica das pessoas e inibe a participação e a responsabilidade diante das questões sociais e ambientais ecológicas locais. A comunicação realizada pela mídia é de certa forma impessoal; informa, mas não cria cumplicidade entre aquele que informa (mídia) e aquele que recebe a informação (a população).

Se por um lado observa-se que o interesse da mídia cresce à medida que a sociedade também se organiza e cobra ações mais equilibradas em relação ao meio ambiente, por outro há reportagens que revelam a extensão das questões ambientais, mas não conseguem ir além da indignação e do apelo sensacionalista; as mudanças de atitudes a partir da ética do cuidar e da responsabilidade geralmente não ocorrem.

Os relatos dos colaboradores demonstram que o conhecimento dos moradores de Rancharia sobre questões ambientais, sobretudo as relacionadas à legislação ambiental, controle dos desmatamentos e proibições de queimadas, da caça e da pesca predatória, é proveniente de fiscalização e de aplicação de multas pelo IBAMA na região, dos temas divulgados pelos meios de comunicação e das discussões estimuladas nas escolas do município. Esse conhecimento, entretanto, parece não ser suficiente para que os moradores se sintam responsáveis pelas transformações ocorridas no ambiente local e aptos a participarem e agirem em prol de sua preservação.

Assim, por meio das representações de Rancharia, foi apresentada em tempos e espaços vividos diferentemente pelos seus moradores. As histórias de vida a caracterizaram como um lugar onde experiências e vivências constituíram a base para a formação de símbolos e significados. Na memória dos antigos e atuais moradores estão registrados significados e vivências neste ambiente, com enfoque diferenciado sobre o mesmo. O vivenciar o ambiente permitiu aos colaboradores entender as questões e os conflitos presentes nesse ambiente, produto de construções e significações individuais e coletivas.

A importância atribuída ao meio ambiente está relacionada às histórias de vida, às experiências e aos significados que cada colaborador tem registrado na memória. “Ao resgatar o vivido e as subjetividades, atribui-se à análise espacial maior amplitude para desvendar aspirações e valores pertinentes aos grupos humanos” (KOZEL, 2009, p. 216). Por fim, nos depoimentos e nas práticas dos moradores de Rancharia são visíveis as dimensões subjetivas e

objetivas dos conflitos proporcionados pelas formas de produção, utilizadas ao longo dos anos.

Compreender as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia permite refletir sobre o processo de educação ambiental, em prol da organização social, da participação efetiva e do comprometimento responsável com as questões sociais e ecológicas locais, regionais e nacionais.

# **PERTENCER E CUIDAR DO AMBIENTE E SEUS**

## **LUGARES:**

a educação ambiental como caminho



**Foto 32** - Paisagem da comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2010. Fonte: Trabalho de campo.

#### **4 PERTENCER E CUIDAR DO AMBIENTE E SEUS LUGARES:** a educação ambiental como caminho

*Se fosse coisa que eu pudesse  
O dia não amanhecia  
Dava um nó na fita verde  
E/outro na barra do dia*

(EVA, D. C., informação verbal, comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), jul./2010).

*Se fosse coisa que eu pudesse  
Essa pesquisa não findava  
Viveria para sempre essa alegria  
Que na Rancharia encontrava*

(Dartora, V., texto criado pela pesquisadora em agradecimento aos colaboradores dessa pesquisa e demais moradores de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), set./2010)

A cantiga declamada pela colaborada Eva Dias Canedo explicita a vontade de que, assim como nas noites de festa os moradores desejavam que o dia não amanhecesse, valores, significados, experiências e representações vivenciadas e o conhecimento adquirido, transmitido e/ou dividido, seja o contínuo motivador na caminhada da vida.

O conhecimento move e direciona as ações humanas. Assim, nessa sessão, são apresentadas algumas reflexões sobre a educação e a complexidade ambiental, a transdisciplinaridade e a cultura de paz. Em seguida são relatadas brevemente as ações de educação ambiental vivenciadas nos últimos anos pelos moradores de Rancharia. Por fim, as considerações finais apontam, com base no conhecimento sobre a complexidade da realidade cotidiana e dos significados que os colaboradores atribuem ao ambiente e seus lugares, reflexões que podem contribuir para a educação ambiental em nível local e, possivelmente, regional e nacional.

#### 4.1 Para pensar a educação e a complexidade ambiental

Ao longo do tempo, a educação passou por várias transformações até chegar às formas de ensino/aprendizagem dos dias atuais. Dos primeiros grupos humanos caçadores e coletores até o início da prática agrícola, a educação era transmitida por meio de exemplos e vivências, por impregnação e por presença, caracterizada como uma educação funcional e prática. Quando o ser humano passou a domesticar os animais e dominar as espécies vegetais, uma grande barreira que limitava o crescimento populacional foi superada. O desenvolvimento da produção de excedentes agropecuários favoreceu a troca entre os grupos, dando início ao que se pode chamar de primórdios das primeiras cidades e do comércio.

Com a evolução das cidades, da produção agrícola e do comércio, surgem as primeiras divisões de classes e a educação passa a ser considerada privilégio dos homens livres. A estratificação em classes resultou ainda na divisão entre o trabalho manual e o intelectual, a teoria e a prática, os seres humanos que pensavam e os que faziam. As universidades foram criadas para atender ao clero e parte da nobreza, sendo que a massa trabalhadora permaneceu sem acesso ao sistema de ensino. Com a revolução industrial foram criadas escolas públicas, cuja ideologia era reformar a sociedade, pregando a igualdade entre as pessoas, a fraternidade, a liberdade. Nesse novo modelo de educação, todos os membros da sociedade seriam, teoricamente, sujeitos de educação similar, passíveis de serem contratados pelas indústrias. A educação pública, fruto dessa nova estrutura social teve o mestre como o soberano na escola, porém servidor das estruturas socioeconômicas capitalistas. Os docentes reproduziam as ideias da classe dominante como se fossem os ideais do conjunto da sociedade (OLIVEIRA, 2006).

No século XX houve novas mudanças no sistema educacional. A escola pública sofreu uma forte degradação e a escola privada surgiu com uma proposta de ensino objetivo e operacional. Ocorreram gigantescos processos de conhecimento, sobretudo no âmbito das especializações disciplinares. Todavia, pesquisas feitas por Oliveira e Viana (2008), apontam que toda a tecnologia e o conhecimento gerados nesse tempo não foram capazes de promover uma vida digna para o conjunto da humanidade; ao contrário, desencadeou uma crise de percepção e de valores que geraram uma série de tensões desafiadoras na sociedade global.

Para Morin (2007), esses processos de conhecimento foram responsáveis pela fragmentação, dispersão e desunião dos saberes, acarretando, por vezes, a fragmentação dos contextos e das complexidades. O autor lembra que até meados do século XX, a maioria das

ciências obedecia ao princípio da redução, que restringia o complexo ao simples; as complexidades vivas e humanas à lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Tudo que não era mensurável e quantificável era descartado, assim como o subjetivo e o emocional.

As mentes formadas pelas disciplinas perderam (e perdem) suas aptidões naturais para contextualizar os saberes. O enfraquecimento da percepção do todo conduziu (e conduz) ao enfraquecimento da responsabilidade e da solidariedade.

À educação do futuro caberia, então, minimizar as especializações e a fragmentação do saber, civilizar teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar e alcançar a cristalização e o enraizamento de um paradigma que permita o conhecimento complexo<sup>9</sup>.

Leff (2003) apresenta a complexidade como um processo de reconstituição de identidades resultantes da hibridação entre o material e o simbólico, como o campo no qual se gestam novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza ou como uma cultura na qual se constroem novas visões e surgem novas estratégias de produção sustentável e democracia participativa.

A complexidade corresponde assim a um novo saber, em que não há um conhecimento único, nem um saber privilegiado. Os saberes se constroem nas relações sociais que privilegiam o diálogo e a participação, as reflexões coletivas, os valores comuns, as ações solidárias e a apropriação fraterna da natureza. A complexidade privilegia não somente os paradigmas científicos estabelecidos pelo conhecimento objetivo, mas também os conhecimentos subjetivos e a abertura para o diálogo entre os saberes.

Na prática, a aplicação do conhecimento complexo busca a valorização dos saberes ecológicos de diferentes culturas e a valorização de modos de vida que respeitam o meio ambiente. A complexidade questiona as formas em que os valores permeiam o conhecimento e as representações de mundo, abrindo espaço para o encontro entre o racional e o moral, o objetivo e o subjetivo.

Leff (2003) reconhece que o processo de complexização envolve a complexidade do real, do conhecimento, da produção, do tempo, das identidades e do ser. A primeira delas refere-se ao entrelaçamento dos aspectos físicos, biológicos e culturais; a interdependência entre a economia, a tecnologia, a vida e o simbólico. O real sempre foi complexo, a ciência simplificadora. Ao desconhecer a complexidade do real construiu-se uma economia

---

<sup>9</sup> De acordo com Morin (2007, p. 38), *Complexus* significa o que foi tecido junto. Há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo, como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico, havendo um tecido interdependente entre as partes e o todo.

mecanicista e uma racionalidade tecnológica que negam os potenciais da natureza, as significações e as representações do ser humano. As aplicações do conhecimento fracionado e unidimensional, e a tecnologia voltada somente para a produção, aceleram a degradação do planeta. A partir da crise ambiental, como sintoma dos limites da racionalidade científica e instrumental, a complexidade ambiental emerge como uma forma de gerar uma racionalidade ambiental que promova uma ordem produtiva sustentável.

A complexização do conhecimento por sua vez, é entendida como a possibilidade de superar o projeto positivista que se afirmou no mundo para construir um pensamento reintegrador das partes fracionadas; a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade surgem como antídotos para a divisão do conhecimento gerado pela ciência moderna.

Buscar uma resposta à hegemonia do mercado como razão última do progresso, e ao fracionamento do conhecimento em suas aplicações práticas para o domínio da natureza, é o que se propõem a complexização da produção, que implica ainda em reconhecer o ambiente a partir de valores de uso naturais que geram os processos ecológicos; usar a tecnológica em prol da produção sustentável; valorizar a organização social fundada nos processos simbólicos que dão significado e conduzem as formas de conhecimento e as práticas na natureza; promover mecanismos de solidariedade social e dos sentidos que definem identidades culturais.

A complexização do tempo se dá por meio do respeito aos tempos cósmicos, físicos e biológicos, mas também dos tempos que configuram as concepções e teorias sobre o mundo, e as diversas culturas através dos tempos. A ainda que se aprender a ver o mundo por meio de uma diversidade de identidades. As identidades na complexidade se constituem num sistema de diferenças, no encontro de sujeitos sociais com diferentes discursos sobre a sustentabilidade, na reconstrução do ser por meio do reconhecimento do outro, na interdependência da natureza e da cultura através de um diálogo dos saberes. Por fim a complexização do ser busca refletir sobre o processo que ao longo do tempo rompeu com a complexidade ecossistêmica, se reduzindo a um pensamento unidimensional. Subjugou as identidades múltiplas da raça humana e alienou as consciências. É o direito de ser diferente.

Diante do exposto, pode-se constatar que a complexidade abre uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer. A compreensão de um ser humano complexo, um ser humano ao mesmo tempo biológico e cultural, que aprende, reaprende e ensina num cenário contínuo e histórico. Um ser humano que vive e interage nesse ambiente complexo, cuja subjetividade dos valores e interesses influencia na tomada de decisão e na apropriação da natureza.

Brandão (2007) lembra que ao contrário dos animais que se transformam corporalmente para se adaptarem às mudanças do ambiente em que vivem, o ser humano transformou o ambiente para adaptá-lo à sua vida. Diferentemente da maioria dos animais que vivem em nichos naturalmente oferecidos a eles, as pessoas vivem em espaços naturalmente socializados e transformados, denominados mundos de cultura, onde a cultura está presente nos atos e nos fatos por meio dos quais o ser humano se apropria do mundo natural e o transforma em um mundo humano. A maneira como cada grupo humano percebe, intenciona e socializa a natureza em uma grande medida estabelece como serão as suas escolhas e os seus padrões próprios de cultura.

Para Morin (2007), a cultura é um conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos que se transmitem de geração em geração. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura.

Essa diversidade cultural constitui uma parte indispensável para uma sociedade sustentável. Saberes de comunidades que mantêm diversidade de visões, concepções, representações e vivências com a natureza podem constituir importantes matérias-primas para compreender o meio ambiente como um fenômeno complexo.

O ser humano é a única espécie capaz de, ao longo da história e em cada momento da vida cotidiana, criar e recriar as teias de símbolos, de saberes e de significados e, a cada novo indivíduo, recapitular essa história. Esse processo de aprendizagem tornou o ser humano não apenas um ser racional, mas um ser que depende inteiramente dos outros e de relações afetivas para aprender e reaprender. Por meio da aprendizagem e das vivências cotidianas, o ser humano atribui diferentes significados aos lugares onde vive, transforma sem cessar espaços em lugares e cria diferentes formas de socializar a natureza.

É nesse cenário de complexidade que a educação ambiental surgiu como uma forma de incorporar a dimensão ambiental à educação, permeando as dimensões políticas, econômicas, tecnológicas, históricas, sociais, culturais, ecológicas e espirituais, como destaca Tozoni-Reis (2008)

a educação ambiental é uma dimensão da educação, uma atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental. (TOZONI-REIS, 2008, p. 142).

A educação é um processo complexo e contínuo (portanto histórico) de formação humana, cuja abrangência vai além da escola. Sato (2001) lembra que as comunidades detêm

conhecimentos próprios, entretanto, não utilizam a linguagem acadêmica para legitimar este saber. Há sabedoria que flui de uma relação que pode envolver diversas formas de conhecimento, num entrelaçamento inseparável da biodiversidade com a cultura local.

Tozoni-Reis (2008) aponta que a educação, ao abranger as questões ambientais, traz como pressuposto pedagógico a articulação entre o conhecimento sobre os processos ambientais, a intencionalidade dos sujeitos em sua relação com a natureza e a transformação social, ou seja, a substituição radical dos modelos que vêm destruindo o planeta.

Por fim, cabe destacar que a dimensão histórica está presente em todas as ações e intencionalidades do ser humano, daí a necessidade de os valores e as atitudes manterem a essência do bem, da paz e do amor nos processos educativos e nas experiências socioambientais e culturais da humanidade ao longo do tempo. É fundamental que a educação promova vivências respaldadas nas abordagens metodológicas da educação ambiental, da transdisciplinariedade e da cultura de paz, de forma a incorporar a noção de pertencimento à teia da vida que integra todos os seres do planeta.

#### **4.2 Educação ambiental, transdisciplinaridade e cultura de paz**

Diante dos múltiplos desafios do futuro, a educação se apresenta como o caminho para a construção da paz, da justiça social e da sustentabilidade. Uma educação que busca a formação integral do ser humano, que propicie a vivência de valores e da ética do cuidado com os elementos que compõem a teia da vida. Uma educação que contribua para que os grupos humanos adotem formas de produção condizentes com os recursos naturais de cada região e da escolha de tecnologias apropriadas à natureza, à comunidade e à sua cultura. Uma educação que busque “um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras.” (DELORS, 1998, p. 11).

Todavia, se para garantir a sustentabilidade da vida na Terra é necessária a adoção de novas atitudes, ações e comportamentos, por que a humanidade não consegue agir de acordo com esse propósito, mesmo com todo o conhecimento intelectual disponível? Uma das respostas talvez esteja no fato de a educação de hoje não conseguir desenvolver o ser humano em sua integridade, incorporando valores como a generosidade, a fraternidade, a solidariedade

e o amor. Ou ainda, na fragilidade de uma educação fragmentada, que por vezes, fragmenta também os contextos e as complexidades.

O caminho para superar e/ou minimizar essas fragilidades da educação, possivelmente está na abordagem transdisciplinar que propicia o desenvolvimento de uma atitude de paz, de um pensamento ambiental orientado para a sustentabilidade da vida e da ação humana comprometida com seu contexto local, o que exige de cada ser humano um repensar sobre o modo como se relaciona consigo mesmo, com os outros e com a natureza em suas atividades cotidianas (OLIVEIRA; VIANA, 2008).

A transdisciplinaridade envolve e desenvolve diferentes aspectos do ser humano, integrando pensamento, sentimento, intuição, sensibilidade, cognição, representação e emoção. Pressupõe iniciar um exercício de melhoria do *ser*, do *pensar* e do *fazer* com base em uma práxis educativa que integra o objetivo e o subjetivo, o racional e o afetivo, as vivências e os significados, as percepções e as representações de mundo.

Pensando na formação educacional do futuro, a Comissão Internacional de Educação para o Século XXI realizou um estudo encomendado pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), do qual resultou na elaboração do Relatório Delors, cujo conteúdo aponta várias reflexões sobre o processo educativo, dentre elas o desafio de introduzir, na referência cotidiana de mundo, a abordagem transdisciplinar como uma proposta que tem como objetivo integrar as diferentes áreas do conhecimento e também as várias formas de produzir e vivenciar conhecimentos que a humanidade vem elaborando no decorrer de sua história. A educação está relacionada não somente com as alterações da vida profissional, mas com a construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, de sua capacidade de discernir e agir. A educação deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão (DELORS, 1998).

O Relatório Delors (1998) apresenta ainda quatro pilares para a educação do futuro, quais são: *aprender a conhecer*, para adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e, finalmente, *aprender a ser*, para o desenvolvimento total da pessoa. A Comissão destacou ainda que, em regra geral, o ensino formal orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para o *aprender a conhecer* e, em menor escala, para o *aprender a fazer*.

O aprender a conhecer visa o domínio dos instrumentos do conhecimento, de maneira que cada indivíduo sinta prazer em conhecer e descobrir, e também aprenda a

compreender o mundo que o rodeia, pelo menos aquilo que lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para se comunicar. São saberes que permitem conhecer melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorecem o despertar da curiosidade intelectual, estimulam o sentido crítico e permitem compreender a realidade, mediante a capacidade de discernir. Nesse sentido, é essencial que todas as pessoas, possam ter acesso, de forma adequada, às metodologias, aos conceitos e às referências resultantes dos avanços das ciências. Aprender a conhecer supõe, antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.

O aprender a fazer está indissociável do aprender a conhecer. Pressupõe ir além de simplesmente preparar alguém para determinada tarefa. As aprendizagens devem evoluir da simples transmissão de práticas para a noção de competência, combinando a qualificação, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe e a capacidade de iniciativa. Para o trabalhador se tornar agente de mudança, as qualidades subjetivas, inatas ou adquiridas devem se juntar ao saber e ao saber-fazer para compor a competência exigida. Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos tornam-se cada vez mais importantes. Aprender a fazer pressupõe não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

Sem dúvida, um dos maiores desafios da educação é o aprender a viver junto. Na história da humanidade sempre houve conflitos, mas no decorrer do século XX, novos elementos parecem acentuá-los. A educação do futuro deve ser capaz de evitar conflitos, ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento do outro, da sua cultura, da sua espiritualidade. A educação tem por missão transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Da educação do futuro espera-se a disseminação de ações fundamentais, como aprender a viver junto, realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos, sempre em respeito ao pluralismo de ideias, à compreensão mútua e a valorização da paz.

Por fim, o aprender a ser implica em contribuir para o desenvolvimento total da pessoa: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, autonomia, discernimento, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Para isso, a educação não deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. Aprender a ser pressupõe o desenvolvimento completo do ser humano, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos

seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Com o intuito de acrescentar novas orientações ao Relatório Delors, a Declaração de Zurique, documento que resume os resultados e os compromissos assumidos na Conferência Transdisciplinar Internacional, realizada na cidade de Zurique, em 2000, apresenta dois outros pilares: aprender a antecipar, uma vez que humanidade não pode mais se permitir aprender pela destruição e, aprender a participar, visto que soluções para problemas não podem ser encontradas sem envolver a massa crítica da sociedade (BRENNER, 2000).

Em 1999, com objetivo de aprofundar a abordagem transdisciplinar, a UNESCO solicitou a Edgar Morin que expusesse suas ideias sobre a educação para o futuro. Morin aceitou o desafio e escreveu “Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro”, neles estão as cegueiras do conhecimento, os princípios do conhecimento pertinente, o ensinar a condição humana, a identidade terrena e a compreensão, enfrentar as incertezas e a ética do gênero humano.

O primeiro saber, cegueiras do conhecimento (o erro e a ilusão), implica ao processo educativo mostrar que não há conhecimento que não esteja, de alguma forma, ameaçado pelo erro e pela ilusão, não há uma verdade absoluta e unidirecional. Quebrar a supremacia do conhecimento fragmentado para que se possa compreender o vínculo entre o global e o local, entre as partes e a totalidade, um contexto e o conjunto, a complexidade, é a reflexão proposta pelo segundo saber: os princípios do conhecimento pertinente.

Ensinar a condição humana pressupõe ver o ser humano, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Esta unidade complexa é totalmente desintegrada na educação disciplinar. É preciso restaurá-la, de modo que cada um tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros seres humanos. A condição humana é objeto essencial de todo o ensino.

É preciso ainda que se ensine a identidade terrena, cósmica, na qual a unidade complexa do ser humano não pode ser vista desenraizada do cosmos que o rodeia, da matéria física e do espírito do qual é constituído. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua, para que as relações humanas saiam de seu estado de barbárie e caminhe na direção da cultura de paz, como prevê o ensinar a compreensão. Por fim a educação deve incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências, incorporando estratégias para enfrentar tais incertezas e imprevistos, no intuito de modificar seu desenvolvimento, por meio das informações adquiridas ao longo do tempo. Deve ainda, priorizar a ética e o

desenvolvimento verdadeiramente humano, compreender e envolver o conjunto de autonomias individuais, a participação comunitária, a solidariedade e a consciência de pertencer a uma humanidade que constitui a comunidade planetária.

A educação é, portanto, um processo complexo, contínuo e histórico, de formação humana, cuja abrangência vai além da escola. Um processo social e cultural que envolve a ação entre as pessoas, que vai além da simples aquisição e transmissão de conhecimentos técnico-científicos. Os moradores de Rancharia detêm conhecimentos próprios adquiridos a partir de vivências cotidianas com o ambiente e a relação com o outro. Pessoas que preservam na memória saberes e, nas práticas cotidianas, valores que podem contribuir nos processos de educação ambiental, não com o intuito de controlar, autoritariamente, as estratégias de sobrevivência do grupo, mas como forma de compreender as intervenções intencionais do ser humano no ambiente.

### **4.3 Rancharia e as ações e programas de Educação Ambiental**

Em Rancharia, segundo os colaboradores, até 2007 os moradores não haviam participado de programas e/ou atividades de educação ambiental focadas para seu cotidiano. A partir daquele ano, eles passaram a participar de um programa de Educação Ambiental patrocinado pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão.

Em um primeiro momento, os moradores foram visitados e convidados a participar de um levantamento sobre os problemas socioambientais da comunidade e temas que gostariam de abordar nos encontros nos encontros. Em seguida, em uma reunião, discutiram as atividades que seriam desenvolvidas, como encontros, oficinas, dias de campo e visitas a outros grupos para conhecer suas experiências e vivências.

As atividades foram realizadas mensalmente nas casas dos moradores. Na varanda, na sala, no quintal, à sombra da mangueira ou em atividade de campo (Figuras 33 a 38<sup>10</sup>) os encontros reuniram mulheres, homens, jovens e crianças.

Os colaboradores relatam ainda que as atividades de educação ambiental abordaram temas como a legislação ambiental; a proteção das matas ciliares, nascentes e

---

<sup>10</sup> As imagens foram feitas durante os encontros de educação ambiental com os moradores de Rancharia, dos quais participamos.

reserva legal; a preservação da fauna; a separação do lixo e a compostagem; o controle de erosões; a vida dos peixes no novo lago; o apoio para constituição e registro da Associação dos Agricultores de Rancharia e práticas de homeopatia para controle de carrapatos e “mosca do chifre”, e também equilíbrio natural do solo.



**Foto 33** - Encontro de educação ambiental realizado na varanda da casa de Paulo I. de M., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. ago./2009. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 34** - Encontro de educação ambiental realizado na sala da residência de Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. mar./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 35** - Encontro de educação ambiental realizado em frete a residência de Alcides J. da S., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. mai./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 36** - Encontro de educação ambiental realizado na sombra de uma mangueira, na residência de Eva D. C., comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. out./2008. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 37** - Oficina de educação ambiental, ensina a fazer compostagem. Comunidade rural de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Autora: Dartora, V. jun./2010. Fonte: Trabalho de campo.



**Foto 38** - Moradores de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), avaliando o tamanho da mata ciliar de um dos córregos que passam pela comunidade. Autora: Dartora, V. nov./2008. Fonte: Trabalho de campo.

Ao avaliar as atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo programa, os colaboradores relatam que os temas discutidos fortaleceram ou trouxeram novos conhecimentos. Apesar disso, houve pouca mudança de atitude que contribuísse para minimizar os problemas ambientais identificados por eles, como a coleta seletiva do lixo seco, a proteção das matas ciliares e nascentes e o envolvimento e o comprometimento das famílias no desenvolvimento de práticas agroecológicas. Para os colaboradores a educação ambiental deve propor alternativas que colaborem com o processo produtivo, tornando-o economicamente rentável e adequado à proteção do meio ambiente.

As informações sobre as questões ambientais, sobretudo as relacionadas à legislação ambiental, como desmatamento, queimada, caça e pesca predatória, chegam aos moradores de Rancharia, na maioria das vezes, por meio de fiscalização e aplicação de multa pelo IBAMA. Os meios de comunicação e os temas trabalhados nas escolas do município também ajudam a disseminar as informações, mas nessas situações os moradores são mais agentes receptores do que participantes efetivos da gestão do ambiente local. Talvez seja essa uma das respostas para a dificuldade de mobilização, participação e desenvolvimento de ações coletivas, observada durante os encontros de educação ambiental.

Os colaboradores relatam ainda que as informações e as práticas que contribuem para a melhoria das atividades cotidianas e que podem ser desenvolvidas individualmente na propriedade rural têm melhor aceitação do que as ações que envolvem a participação coletiva, como o associativismo e o cooperativismo.

O cotidiano se mostra como principal responsável em agregar conhecimento às experiências individuais vivenciadas ao longo dos anos. Práticas como o plantio nas margens de rios e córregos, possibilitaram a compreensão de que era preciso preservar e/ou recuperar as matas ciliares, que além de estabilizar as margens, evitam erosões e contribuem para manutenção da água. Assim, o conhecimento, as vivências, os significados e as representações estão relacionados, principalmente, ao cotidiano e ao ambiente local, sendo ainda incipientes práticas coletivas e ações integradas às discussões regionais, nacionais e globais, transformadoras de estado de consciência e atitude. Nesse sentido, as considerações finais dessa pesquisa apresentam algumas reflexões sobre como a educação ambiental pode contribuir para a mudança de postura, participação coletiva e proteção do meio ambiente.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES



**Foto 39** - Nos caminhos de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO), saberes e descobertas. Moradora Divina D. C. Autora: Pacheco, L. abr./2009. Fonte: Arquivo pessoal.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao final desta pesquisa, a partir do conhecimento da complexa realidade cotidiana, das vivências sociais e práticas ambientais e dos significados que os colaboradores atribuem ao ambiente, são apontadas algumas reflexões que podem contribuir com programas e ações de educação ambiental na comunidade e, possivelmente, a nível regional e nacional, sem contudo delinear pontos conclusivos, porém provisórios, incertos e incompletos nessa trajetória de tentar viver e compreender as representações de meio ambiente e as práticas por elas guiadas.

Os primeiros passos foram construídos a partir das vivências cotidianas dos moradores de Rancharia, sob um olhar de continuidade entre o passado e o presente. Em seguida, a pesquisa abordou a compreensão das representações e dos significados que os colaboradores atribuem ao ambiente e seus lugares. Agora os passos são na tentativa de apontar algumas reflexões que possam contribuir com a educação ambiental, valorizando a complexidade, o aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer.

O presente trabalho constitui, por si só, um instrumento de educação ambiental, pois a partir dela, os moradores de Rancharia, sobretudo os colaboradores, ao revisitar suas histórias de vida, refletiram sobre os aspectos naturais, sociais e econômicos que permearam suas vivências e experiências cotidianas.

A pesquisa mostrou que para haver uma relação social, econômica e ecológica equilibrada, especialmente em Rancharia, é preciso repensar e reavaliar conhecimentos, práticas produtivas e a organização e a participação social. Nesse sentido, são delineadas a seguir algumas diretrizes que podem auxiliar os programas e as ações de educação ambiental, seja na comunidade ou fora dela.

No que se refere à educação escolar, propulsora de conhecimento científico, é importante que as questões ambientais sejam incorporadas aos processos educativos, sobretudo, no Plano Pedagógico das unidades de ensino, não somente como temas e/ou projetos transversais, mas como elemento fundamental em todas as disciplinas, da alfabetização à especialização. Isso contribuirá para que os estudantes incorporem novas posturas que ao se confrontar com práticas, culturalmente e/ou economicamente enraizadas no cotidiano das comunidades, proporcionará reflexão e mudança de atitude em relação ao ambiente. Em outras palavras, ao desenvolver a educação ambiental, a escola contribuirá para

que os estudantes levem para suas famílias conhecimentos e atitudes que possibilitem refletir sobre o cotidiano, as relações sociais e as práticas ambientais e econômicas conduzidas por aspectos culturais e/ou por interesses econômicos e políticos da sociedade atual. Sendo a escola disseminadora de informações sobre o meio ambiente, ela precisa ser capaz de promover a reflexão sobre o cotidiano e o desenvolvimento de novas posturas de envolvimento, participação e ação responsável.

Os programas e as ações de educação ambiental precisam partir do conhecimento da realidade local, a partir da compreensão dos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e naturais que compõem essa realidade. Nesse processo de conhecer a realidade, as histórias de vida, as experiências, as percepções, as representações e os significados que as pessoas atribuem ao ambiente, sobretudo as que residem há mais tempo no lugar são fundamentais, pois vivenciaram as transformações ocorridas nesse ambiente ao longo dos anos. É importante que as ações educativas considerem as dimensões subjetiva (modos de vida) e simbólica, como base nos conhecimentos, tanto científicos quanto os outros saberes sociais diagnosticados a partir das situações presentes, sem perder a dimensão da historicidade, ou seja, da continuidade entre o passado e o presente.

No que se refere às formas de produção agropecuária, as ações de educação ambiental não podem diminuir ou menosprezar a importância dessas atividades econômicas para a sobrevivência das famílias e tampouco as transformações causadas ao ambiente. A educação ambiental precisa ser capaz de fomentar o uso de tecnologias que valorizam os saberes e fazeres tradicionais e protegem os elementos naturais do meio, apontando alternativas que garantam a produtividade, o rendimento econômico e a proteção da natureza.

A educação como processo contínuo e permanente, precisa fomentar e fortalecer mecanismos que possibilitem a organização e a participação das famílias na gestão do meio onde estão inseridas. Quando organizados em movimentos, associações e/ou cooperativas, os grupos sociais conseguem discutir e encontrar mais facilmente soluções para seus problemas e alcançar melhores resultados. Um bom exemplo são as alternativas ecológicas de produção e de controle de “pragas”. Para obter bons resultados, esse trabalho requer participação coletiva, visto que, às vezes, as relações de interdependência e equilíbrio do ambiente ultrapassam as divisas das propriedades rurais. Por meio da organização, os grupos sociais poderão participar efetivamente das decisões que afetam a qualidade do meio ambiente, seja ele natural ou construído, situação que demanda conhecimentos, habilidades e atitudes.

Ainda para fortalecer as relações sociais, é importante que a educação ambiental resgate os aspectos de tradição, como os mutirões, as manifestações religiosas e as festas, pois

esses são meios fundamentais para aprender a conviver e aprender a ser, valorizando a solidariedade, a partilha e a comunhão fraterna.

Por fim, nessa pesquisa foram partilhadas histórias de vida, experiências, percepções, representações e significações que fizeram parte das narrativas dos colaboradores, mas também vivências, aprendizados, conhecimentos e emoções que permearam a trajetória da pesquisa. A partir da complexidade do cotidiano rural foram obtidas respostas e indagações que irão instigar novas perguntas condutoras de novas reflexões.

Os dados obtidos exigiram análises constantes, superação de obstáculos e de incertezas. Ao concluir esse trabalho é possível perceber quantas possibilidades foram descobertas em palavras, em silêncios, em sorrisos e em expressões faciais, gestos e atitudes. Quantas experiências reveladas que poderão nortear novas práticas educativas.

Os colaboradores abriram suas casas, suas vidas e suas bagagens de conhecimentos sobre suas tradições e suas experiências e vivências cotidianas. Em suas narrativas revelaram as transformações ocorridas no ambiente e as lembranças retidas na memória como um instrumento de reconhecimento de sujeitos que vivenciaram e experienciaram a formação histórica, cultural e ecológica do lugar.

Rancharia foi apresentada pelos colaboradores como um lugar de segurança e tranquilidade. Um lugar mantenedor da vida. Um retrato da história de relações sociais que deram sentido de pertencimento ao lugar. Retrato das modificações simbólicas, afetivas e matérias relacionadas a encontros, histórias, mudanças e sonhos.

A presente pesquisa alcançou o objetivo de compreender as representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, contribuindo para o desenvolvimento de programas e ações de educação ambiental. A meta é que os resultados contribuam, de algum modo, para a reavaliação de práticas educativas, das relações humanas com o ambiente, da esperança e do amor ao planeta.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA, M. C. Dos caminhos do gado ao “mar” de soja: Campo Alegre de Goiás. In.: MACHADO, M. C. T.; KATRIB, C. M. I.; ABDALA, M. C. (org.) **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 41-49.
- ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23. p. 122-138, jul./dez., 2004.
- BRANDÃO, C. R. **O vôo da arara-azul**: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental. Campinas: Armazém do Ipê, 2007. 196 p.
- BISPO, M.; OLIVEIRA, S. de F. Lugar e cotidiano: categorias para compreensão de representações em meio ambiente e educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n. 2, p. 69-76, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.
- CARVALHO, V. S. de. **Educação Ambiental e desenvolvimento comunitário**. Rio de Janeiro: Wak, 2006.
- CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. **Indivíduo e ambiente**: a metodologia de pesquisa da história oral. Rio Grande: BIBLOS, n. 16. 2004. p. 7-24.
- CASTELLO, L. **A percepção de lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007. p. 1-147.
- COELHO, G. N. Arquitetura rural na Serra do Facão. In: **Programa de Preservação do Patrimônio Arqueológico do AHE Serra do Facão**. Fundação Aroeira/IGPA: Goiânia, 2010.
- COSTA, A. S. O Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 151-157.
- DELORS, J. [et al]. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO, 1996. Editora Cortez/Unesco Brasil/ MEC: São Paulo, 1998. 287 p.
- DIAS, G. F. Os quinze anos da educação ambiental no Brasil: um depoimento. **Revista Em Aberto**. Brasília, v. 10, n. 49, p. 3-14, jan./mar. 1991.
- FARR, M. R. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em Representações Sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 31-59.
- GOYA, P. da C. L. Y. **Percepção e conservação do patrimônio ambiental urbano**: a cidade de Bauru. 1994. f. 365. Dissertação (Mestrado de Geografia) - Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 1994.

GRUN, M. **Em busca da ética da educação ambiental**. Campinas: Papirus, 2007. p. 7-12.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 145 p.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em Representações Sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 63-83.

KOZEL, S. As representações na geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1.ed. rev. 2009. p. 215-132.

KOZEL, S. Mapas Mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; FILHO, S. F. G. **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geográfica cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p. 114-138.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 58-72.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. e CASTRO, R. de S. (Org.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 72-103

LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003. p. 7-13.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-64.

LEME, M. A. V. da S. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 46-57.

LEITE, A. F. O Lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21. p. 9-20, 1998.

LIMA, H. S. O diário de campo e sua relação com o olhar aprofundado sobre o espaço rural. In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 143-149.

LOPES, L. L.; LIMA, H. S.; COSTA, A. S. e RIBEIRO, V. O Diário de Campo e a Memória do Pesquisador. In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 131-134.

LOPES, L. L. Diário de campo: o registro da reconstrução da natureza e da cultura. In:

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 135-142.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004. 26 p.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996. 108 p.

MACHADO, L. M. C. P. **A Serra do Mar Paulista**: em estudo de paisagem valorizada. f. 311 Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro/SP, 1988.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem valorizada a Serra do Mar Paulista como espaço e como lugar. In: Del Rio, V. ; OLIVEIRA, L. de. (Org.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p. 97-119.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, M. E. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 6. reimp. São Paulo: Atlas, 2008. p. 176-203.

MENDES, E. de P. P. A Pesquisa em Ciências Humanas e o Materialismo Histórico-Dialético. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 4/5(1), p. 57-66, 2001/2002.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1. ed. rev. 2009. p. 121-144.

MINAYO, M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 89-111.

MIRANDA, O. de. (Org.). **Para Ler Ferdinand Tonnies**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 163-272.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO, 2007. 150 p.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 3. ed. 2007. 120 p.

OLIVEIRA, L. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1. ed. rev. 2009. p. 189-196.

OLIVEIRA, S. de F. Educação ambiental: aspectos históricos e perspectivas. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 151-166. jul./dez., 2006.

OLIVEIRA, S. de F.; VIANA, R. M.; PEREIRA, M. V. Educação ambiental: pertencer e cuidar da teia da vida. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, Goiânia, ano 7, n. 13. p. 39-46, 2008.

POUPART, J. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodologias. In: POUPART, J. [et al.] **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-259.

QUINTAS, J. S.; GOMES, P. M.; UEMA, E. E. **Pensando e praticando a educação no processo de gestão ambiental: uma concepção pedagógica e metodológica para a prática da educação ambiental no licenciamento**. 2. ed. rev. e aum. Brasília: Ibama 2006. p. 1-43.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 79-114.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. A. Arte da Catira: negócios e reprodução familiar de sitiantes mineiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, cidade, v. 22, n. 64, p. 65-74, jun. 2007.

RIBEIRO, V. Espaço e movimento: reflexões através da escrita e do desenho. In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 159-168.

RUSCHEINSKY, A. Meio ambiente e percepção do real: os rumos da educação ambiental nas veias das ciências sociais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Goiânia, v. 7, p. 26-44, out./dez. 2001.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 106 p.

SÁ, C. P. de. Representação social: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 19-45.

SANTOS, V. L. dos. **Além do rural: os vínculos topo-biofílicos na interação visitante e paisagem rural em Itu/SP**. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2005. p. 1-49.

SATO, M. Debatendo os desafios da educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. p. 14-33. FUGR, 2001.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago. 2005.

SAUVÉ, L. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, n. 10, jul./dez. 1997.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 85-145.

SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004. 311 p.

TOZONI-REIS, M. F. De C. **Educação Ambiental**: natureza, razão e história. 2. ed. rev. Campinas: Atores Associados, 2008. 166 p.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2. maio/ago. 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-173.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores o meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. p. 1-111.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

WHITAKER, D. C. A. Apresentando os textos. In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 123-130.

WOLFGANG, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 149-186.

## APÊNDICE I: Registros do caderno de campo

### Registro 1

Hoje, 12 de julho de 2010, fui até as casa de Dona Eva Dias Canedo e de Lázaro Cardoso de Oliveira ou Lazineho como é conhecido por todos. Estar com eles é sempre prazeroso, mesmo quando não temos um objetivo específico, mas simplesmente nos damos um tempo para ouvir a voz da sabedoria, sentir o aconchego de quem se sente feliz com nossa presença. Eva é uma mulher extraordinária, a frente de seus 78 anos, com saberes e atitudes que nos fazem refletir constantemente os valores que atribuímos à vida. Só anda descalço e com lindo vestidos floridos acompanhados de combinação e lenço na cabeça. Não dispensa o cigarro de palha, nem quando problemas de saúde a fazem ficar no hospital. É como se fosse a mãe de todos. Homens e mulheres que moram em Rancharia constantemente passam por sua casa para um cafezinho e para tomar benção. Ela é a única benzedeira que ainda reside na comunidade. Otimista e com um amor especial pela vida, ao se referir a necessidade de superar as dificuldades que a vida impõe, declara: “impossível é Deus pecar”.

Seu Lazineho é um homem disposto, alegre e interessado em participar. Logo que falei da pesquisa, sentou-se ao meu lado e ao lado de Eva, em tradicionais tamboretos feitos de madeira e couro de vaca, e com uma boa e divertida gargalhada se colocou à disposição, já contando sobre a sua ida à Escola Estadual na sede do município para ser entrevistado pelos estudantes, numa pesquisa sobre a história da região.

Eva e Lazineho falaram sobre os primeiros moradores, o cultivo dos roçados de milho, feijão, mandioca e arroz; os engenhos de rapadura, as dificuldades e a pobreza das famílias que trabalhavam o dia todo em troca de um quilo de tocinho, o cuidado que o plantio em roçados permite ter com a natureza – plantas e animais – e, em contrapartida, a destruição que o uso de maquinários e agrotóxicos causam ao meio ambiente; a substituição do capim meloso (nativo) pela espécie *brachiaria*... Alegram-se e perdem a noção do tempo quando narram sobre os mutirões de “treições” (surpresas, pegar o outro de traição) que reuniam vários homens para bater pasto e diversas mulheres para fiar. Era como se estivessem revivendo aqueles bons momentos. Dona Eva lembra das falas entre as amigas e do dono da casa, assustado com a movimentação. Lembram das cantigas cantadas durante os mutirões e

as festas à noite, os forrós de precatas (chinelos de couro de vaca) nos pés e facão na cintura, a sanfona de oito baixos.

Os colaboradores tiveram seu antigo imóvel alagado pelo reservatório da Usina Serra do Facão, mas foram indenizados e adquiriram uma nova propriedade próxima da antiga, onde construíram novas edificações, reconstituíram a horta, a plantação de cana-de-açúcar, a pastagem para as vacas de leite. Hoje eles produzem queijos. Quando perguntei sobre o que é meio ambiente, Lazinho falou das matas e da fiscalização feita pelos órgãos ambientais, e mostrou orgulhosamente a “matinha” ao lado da casa, onde foram remanejados alguns micos. Nesse dia, minha amiga e colega de trabalho Mônica Segreto, me acompanhou nas visitas fotografando os colaboradores e elementos importantes da paisagem natural e cultural.

## **Registro 2**

No dia 16 de julho de 2010 fui à casa dos colaboradores Sebastião Pereira da Silva e Leonilce Riveiro da Silva. Sebastião é neto da Dona Etelvina Pereira da Silva, primeira moradora de Rancharia. É um homem sereno de fala mansa, baixa e com palavras emendadas, característica das falas goianas e mineiras. Alto, magro, com 73 anos, nasceu e viveu toda sua vida em Rancharia e, por conta disso, acompanhou as mudanças sociais e ambientais ocorridas no lugar.

Quando chegamos, Sebastião estava engarrafando açafrão com a ajuda de dois netos que moram em Goiânia (GO) e estavam ali de férias junto com seus pais. Leonilce estava ensacando linguiças, pois no dia anterior havia matado um porco. Uma neta que mora em Uberlândia e visitava o avô, juntamente com seu marido, estava fazendo doce de leite. O funcionário da fazenda e um filho do vizinho estavam construindo o curral. A fazenda também foi afetada pelo lago da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, razão pelas quais as construções que ficavam na parte baixa, próximo ao córrego, precisaram ser remanejadas cerca de 100 metros acima.

Ainda antes de descermos do carro, Sebastião veio ao nosso encontro (Mônica estava comigo) e estendeu sua mão amarela do açafrão para nos cumprimentar, satisfeito com nossa visita. A nova casa mantém característica da antiga moradia, como a cozinha separada

do restante dos cômodos por uma arejada varanda que circunda a casa em forma de “L”. Foram mantidas as janelas de madeira e o fogão caipira.

Sentados na sala, apresentei a pesquisa e solicitei a Sebastião que me falasse sobre Rancharia. Ele iniciou confirmando a ocupação do lugar, os primeiros habitantes, as casas de pau-a-pique e/ou pau roliço cobertas de capim – ranchos que deram o nome ao local; falou do trabalho que tiveram para desmatar o Cerrado a fim de cultivar roçados de milho, cana-de-açúcar, mandioca, arroz e feijão; a produção de rapadura e farinha de mandioca; a criação de gado e porcos; a venda de produtos na cidade; a pobreza das famílias, “trabalham o dia todo em troca de um quilo de toicinho”; “o povo era muito trabalhador, eu cheguei a ter 8 carros de bois, uns 30 bois para fechá-los, juntava a produção e levava para vender; cheguei a reunir três caminhões de arroz em uma só safra”, conta.

Sebastião lembrou ainda dos mutirões que chegaram a reunir até 102 homens para bater pasto e 50 mulheres para fiar. À noite matavam uma vaca para fazer a festa, contudo, relata que nesta festa o povo bebia muito, brigava e às vezes ocorria morte. “Morria muita gente; nestes anos todos, morreram 32 funcionários meus; alguns matados, outros em acidentes e/outros ainda de coração, aqui tinham muita doença de Chagas, barbeiros”.

Quando perguntei sobre o que era meio ambiente, Sebastião falou que no passado desmataram demais, principalmente na beira dos córregos onde faziam as roças, hoje considera que há mais respeito, tem matas próximo aos córregos e a reserva (Reserva Legal). Ele teve que comprar uma área de reserva fora da fazenda.

Mais tarde, ao caminharmos pelo quintal, ele nos mostrou os bezerros, o pomar com enormes e exuberantes mangueiras e o curral que estava sendo construído. Falou da criação e venda de gado. Comemos doce de leite. Sebastião se disponibilizou a me acompanhar na casa de dois irmãos dele, que também nasceram e sempre viveram em Rancharia. Fiquei de retornar na semana seguinte.

O dia estava seco, com muita poeira devido à falta de chuvas, característica do inverno no centro-oeste brasileiro. O céu estava tão azul que o sol parecia mais amarelo que o habitual.

**APÊNDICE II : Roteiro para entrevista**

1) Idade

( ) de 15 a 25 anos

( ) de 26 a 50 anos

( ) acima de 50 anos

2) Sexo

( ) feminino

( ) masculino

3) Há quantos anos você mora na comunidade de Rancharia? \_\_\_\_\_

4) Você gosta de morar na comunidade de Rancharia? Por que? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5) Quais as histórias que você conhece sobre os primeiros moradores? Como eram as casas, os quintais? As brincadeiras das crianças, o estudo, a relação com os vizinhos, as festas?

\_\_\_\_\_

6) Como era a vegetação (as matas, paisagens)? Como era o sustento das famílias?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7) O que é meio ambiente? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8) Você ouve falar de meio ambiente através do quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9) O que você acha que é preciso fazer para cuidar do meio ambiente? Quem deve cuidar?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10) Como você cuida do meio ambiente? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

11) Você sairia da roça para morar na cidade? Por que? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE III: Parecer Comitê de Ética



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PROTOCOLO  
 166/2009

Goiânia, 05 de julho de 2010

### PARECER CONSUBSTANCIADO

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

**Título do projeto:** “As representações de meio ambiente dos moradores de rancharia, Campo Alegre de Goiás: o lugar e o seu significado”

**Pesquisador Responsável:** Vanderléia Dartora

**Pesquisadores Participantes:**

**Local de realização:** Campus Catalão

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, após análise das adequações solicitadas, **Aprovou**, o projeto acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP/UFG, relatórios da pesquisa, encerramento, conclusão (ões) e publicação (ões) de acordo com as recomendações da Resolução 196/96.

Prof. João Carlos da Rocha Medrado  
 Coordenador do CEP/UFG